

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO: REFLEXÕES
SOBRE A CULTURA E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL
(1948-1980)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Adriana Teresinha da Silva

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO: REFLEXÕES SOBRE A
CULTURA E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL (1948-1980)**

por

Adriana Teresinha da Silva

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em História do Brasil.**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugênio Vécio

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de História
Curso de Especialização em História do Brasil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia

**O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO: REFLEXÕES SOBRE A
CULTURA E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL (1948-1980)**

elaborada por
Adriana Teresinha da Silva

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Luiz Eugênio Vécio, Dr.
(Presidente/Orientador)

Vitor Otávio Fernandes Biasoli, Dr. (UFSM)

Beatriz Teixeira Weber, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 18 de dezembro de 2008.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL (1948-1980)

Autora: Adriana Teresinha da Silva
Orientador: Prof. Dr. Luiz Eugênio Vécio

Esta monografia tem como tema o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e se propõe a refletir a respeito da cultura e da identidade no Rio Grande do Sul, no período de 1948 a 1980. E, através da História Social, pretende-se evidenciar a motivação que levou a construção do tradicionalismo gaúcho e da formação de uma identidade cultural no Rio Grande do Sul. Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se vasta pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica e conceitual da tradição gaúcha, bem como avaliar a crítica de intelectuais e, com isso, expressar a importância do movimento para a sociedade sul-riograndense. Nesse sentido, como apoio para a concretização do trabalho defendido, para a valorização do tema desenvolvido, foram feitas entrevistas com alguns representantes do meio artístico e cultural que estão engajados no MTG, para refletirmos e fundamentarmos com mais ênfase a necessidade de ter criado o tradicionalismo, demonstrar a importância em construir uma identidade e a formação e resgate de valores morais. Também é importante valorizar o MTG e tudo que ele vem representando no passar das décadas em toda a sua conjuntura. Nesse contexto, percebe-se que o meio rural, a imagem do homem campeiro, o apego ao “pago” são pilares que mantêm e estruturam a tradição gaúcha, bem como a influência das músicas que refletem o pampa, auxiliando na manutenção da tradição. No ambiente tradicionalista é proporcionado uma confraternização das diferentes classes sociais e principalmente tem como base para essa formação, a participação da família, num propósito de integração.

Palavras-chave: Tradicionalismo, nativismo, identidade, gaúcho.

ABSTRACT

Specialization Monography
Specialization Course in the Brazilian History
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

The Traditionalist Movement Gaúcho: Reflexions about the Culture and Identity in Rio Grande do Sul (1948-1980)

Student: Adriana Teresinha da Silva
Adviser: Luiz Eugênio Vécio

The present research has as the purpose The Traditionalism Movement Gaúcho: Reflexions about the Culture and Identity in Rio Grande do Sul (1948-1980). Through the Social History, it aims to become evidence the motivation that constructed the gaucho traditionalism also the forming of a cultural identity in Rio Grande do Sul. To the development of this investigation it made use of a huge bibliographic research to theoretical and conceptual justifying from the gaúcha tradition, as well as evaluating the critics from intellectuals and as result to express the importance of the movement to the Riograndense Society. In this way, as support to the research, moreover the valorization of the developing topic, were been interviews with some representants of cultural and artistic group that are involved at MTG (Gaúcho Traditionalism Movement) to reflect and found us with more emphasis the necessity of be idealized the invention of traditionalism in order to demonstrate the importance of constructing an identity, also the constitution and ransom of ethics efforts. In addition, is important to valorize the MTG and all things that it represents for a long time in its all conjecture. In this context it realizes that the country side, the image of the campeiro man, the affection to the "Pago" are structures which maintain and cast the gaucho tradition, as well the influence from songs that reflect the Pampa, aiding the maintenance of tradition. In the traditionalist environment is proposed a confraternization between different social class being as main purpose the integration of the family.

Key-words: traditionalism, Nativism, Identity, gaúcho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – A TRADIÇÃO GAÚCHA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ...	10
2 – A DESCONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E A DESMITIFICAÇÃO DOS “HERÓIS”.....	22
3 – A INFLUÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E NATIVISTA PARA A SOCIEDADE	35
CONCLUSÃO.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	49
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa pretende-se apresentar e compreender os motivos que levou um grupo de estudantes em 1948, a idealizar a construção do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). A partir desse momento, considera-se o marco inicial da formação oficial de uma identidade no Rio Grande do Sul, representadas por figuras típicas relacionadas com o meio rural, o apego ao “pago”, o pampa sulino e a lida campeira. Este estudo insere-se na História Social, enquanto formação cultural para possibilitar o entendimento sobre a tradição gaúcha, preocupa-se em abordar a história, evidenciar fatos que sustentam a lógica da qual os historiadores podem partir, para fazer a distinção do que seja o fato comprovado e a ficção. E, a partir disso, partiremos para a “ficção”, que chamaremos de invenção, que será abordada, justificando através da criação do mito do “herói” e da construção do tradicionalismo gaúcho, o orgulho de um povo de ser gaúcho.

É necessário que seja aprimorado cada vez mais o estudo sobre o MTG e todo o seu conjunto, incorporando à historiografia acadêmica, as evoluções e superações históricas que outros historiadores já efetivaram anteriormente e, sendo um tema polêmico, nosso objetivo é, principalmente, apresentar a importância do MTG na sociedade sulina.

A grande quantidade de obras que trabalham o tema proposto, não nos tira o entusiasmo de continuarmos a pesquisa em torno do MTG. Afinal, por mais que o assunto tenha sido debatido inúmeras vezes, sempre haverá espaço para novas discussões, pois os historiadores têm como tarefa ampliarem o espaço de discussão e compreensão sobre a história através da pesquisa historiográfica.

No primeiro momento, busca-se fazer um entendimento sobre a construção do tradicionalismo gaúcho motivado pelos jovens estudantes, filhos de estancieiros da região da campanha, como um apelo ao resgate da vivência da vida rural, sendo transportado para a capital gaúcha. Na formação dessa identidade cultural evidencia-se que a inspiração motivada

pelo campo foi fator determinante para a consagração da cultura no Rio Grande do Sul. A simbologia resgatada no apego ao “pago”, na vida rural do peão campeiro, na mitificação do “herói” que lutou na guerra, transformou o gaúcho em uma lenda da imaginação popular. Com a fundação de inúmeros Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) no Rio Grande do Sul, aos poucos disseminou-se e difundiu-se a tradição gaúcha entre as diferentes etnias existentes no Estado, transformando-a como principal símbolo rio-grandense.

Cabe ao MTG, através de suas regulamentações e regras, caracterizar e padronizar o gaúcho campeiro, pois como um grupo organizado busca controlar e orientar o que consideram ser os símbolos característicos do Rio Grande do Sul. Para isso, conta com fortes aliados a fim de dar continuidade a seus objetivos como as emissoras de rádio que divulgam o movimento e que refletem nas músicas o pampa e tudo o que ele representa para um homem rural, campeiro na lida do dia-a-dia.

No segundo momento, procura-se confrontar a invenção da tradição, a mitificação do “herói”, com a crítica construída em torno do MTG, defendida por historiadores e intelectuais que visam desconstruir o mito, desmitificar o “herói”, considerando a tradição gaúcha como algo falsificado, vazio e que não é condizente com os fatos históricos. O MTG busca na Revolução Farroupilha a imagem do homem guerreiro e valente, mas a crítica evidencia esse momento histórico apenas como um jogo de interesses da elite dominante. Com isso, entende-se que não haveria motivos para se orgulhar e sim envergonhar-se, sobretudo por Bento Gonçalves, um dos principais líderes da Revolução, que foi considerado por alguns historiadores como desonesto e contrabandista de gado, portanto, um homem indigno para assumir tal liderança.

No terceiro momento, busca-se avaliar que, apesar de toda a crítica formada, evidentemente com o propósito de desconstruir o MTG, a tradição gaúcha está calcada em profundas raízes em todas essas décadas de existência e que, cada vez mais, surgem novos admiradores e frequentadores dos CTGs, que se engajam na luta pela preservação do movimento. Desde o surgimento da invenção da tradição gaúcha em 1948, no decorrer de várias gerações, ela vem se mantendo, prosperando e sendo difundida por todos os lugares em que estiver vivendo um gaúcho, um homem sul-rio-grandense.

Hoje a identidade sulina é também marcada e reconhecida no âmbito nacional, devido as suas características e seu jeito diferenciado de ser. Para tanto, é necessário destacar a influência da música “gaudéria” e a propagação dos festivais de canção nativa em todo o Estado, valendo destacar a diferenciação básica do tradicionalismo e do nativismo, cada um

com suas peculiaridades, mas ambos procuram se manter engajados na preservação da identidade do gaúcho, demonstradas principalmente, através das músicas que relatam o campo e toda a sua conjuntura. Na verdade, percebe-se que um completa o outro, mesmo sem caminharem lado a lado.

Outras atividades dentro do MTG como os rodeios, os bailes nos CTGs, também são fatores importantíssimos para a manutenção do tradicionalismo. E, com relação à música, as canções são composições inspiradas no meio rural, dando destaque basicamente ao peão campeiro e ao cavalo, ou recordando as “peleias” nas batalhas, num referencial de bravura e coragem resgatado nos ideais dos rebeldes Farroupilha.

Mas, acima de tudo, o movimento conquistou outro fator fundamental que foi trazer para a tradição gaúcha a união da família e o resgate de valores (muitos já esquecidos). Tornou-se um ambiente em que se encontram várias gerações reunidas em torno do mesmo ideal, com amor por esta terra e andar “pilchado” na alma e no coração, cultuarem a semente lançada na década de 40 e que, com a persistência de pessoas que valorizam as raízes ligada ao campo, mantém acesa a chama do tradicionalismo.

A importância desse trabalho evidencia de que forma a existência do MTG e a sua simbologia foram construídos. Desse modo, estudamos a inserção da família no movimento destacando a participação da juventude nesse meio. O estudo do MTG acaba por demonstrar que em suas origens estava a afirmação de uma identidade regional sul-riograndense em contraposição aos “modernismos” que vinham do eixo Rio-São Paulo. A construção desta identidade foi feita a partir do mito do gaúcho senhor dos pampas e assimilado historicamente no MTG inclusive por quem sempre foi urbano ou era imigrante ou filhos de imigrantes, sejam eles, italianos ou alemães.

Neste estudo buscamos compreender as raízes dessa formação mítica do MTG e a sua expansão ao longo do século XX, inclusive para muito além das fronteiras do Rio Grande do Sul.

1 – A TRADIÇÃO GAÚCHA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

No processo histórico da construção do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), com o auxílio de algumas fontes bibliográficas, faremos um retrocesso no tempo para buscar informações básicas, e logo após, fazer uma reflexão sobre a fundação “oficial” do MTG, a sua trajetória e o sentimento de apego à tradição até os dias atuais. Num capítulo posterior será abordada a definição “oficial” de tradicionalismo. Nesse contexto histórico, buscamos primeiramente em Barbosa Lessa, o qual foi um dos precursores e disseminadores do Tradicionalismo no Rio Grande do Sul, um entendimento sobre a construção da tradição e a definição do estereótipo do gaúcho, portanto, partiremos do período histórico de 1948, com a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), em nosso Estado e, em torno disso, faremos um estudo sobre o tema proposto.

Como um processo de recuperação da Cultura Gaúcha do interior sul-riograndense, segundo Lessa (1985), ele, Paixão Cortes e um grupo de jovens, em Setembro de 1947 fundaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Julio de Castilhos, e naquele momento acenderam a primeira chama crioula, realizaram a Ronda Crioula e organizaram a Semana Farroupilha com pouquíssimas pessoas para prestigiar o evento que estava sendo inaugurado naquele momento.

No entendimento de Lessa (1985), a idéia era de “afirmação das tradições pastoris” e tentar reunir um grande número de pessoas para associar-se ao novo “clubes tradicionalista”. Era uma forma de reviver os usos e costumes do campo, matar a saudade do pago, relembrar o galpão de estância o qual seria um lugar de encontros e de confraternizações onde o espírito de grupo, de coletividade pudesse ser exercido.

Com isso, perceberam a importância em reunir esforços, para em um galpão improvisado na cidade de Porto Alegre, elaborar o Estatuto com as leis que iriam reger o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), o 35 CTG, cuja fundação aconteceu em 24 de abril de 1948.

Lessa (1985) diz que o apoio psicológico foi mútuo entre os rapazes, e que fez com que eles incorporassem a figura do gaúcho no modo de se vestir e de falar a “moda galponeira” ao se reunirem em torno do fogo de chão e vibrar com o sentimento de ter reencontrado o pago. Ali, naquele momento, todos estavam compactuando com o mesmo ideal, “o empenho associativo”. Segundo o autor: “O indivíduo sente a necessidade de companheirismo, de encorajamento e da segurança emocional, proveniente de pertencer a

uma unidade social coesa cujos membros compartilham as mesmas idéias e padrões de comportamento”. (p. 59)

Para o Movimento Gaúcho dar os primeiros passos, era necessário que as regras constituídas para o 35 CTG fossem executadas, sendo o poeta Glaucus Saraiva o idealizador do “Código de Honra”, como uma forma de organizar o grupo, dar condições suficientes para se transformar em uma sociedade cultural e então poder admitir associados, para organizar e dar continuidade ao CTG.

No entendimento de Pacheco (2003), “os CTGs, imitando um galpão de estância na cidade, para isto teriam vindo: para valorizar e prestigiar através de práticas gauchescas a figura do gaúcho campeiro, o peão de estância e, desta forma, constituir uma identidade, diferenciado-a de outras identidades.” (p. 10)

Dentre algumas normas estabelecidas, algumas regras receberam aprovação imediata, acreditando que se encaixava perfeitamente na vivência cultural a qual estava sendo idealizada e que se almejava resgatar. Lessa (1985) argumenta com a Lei que iria reger a nova instituição: “Art. 5º- Os gaúchos do 35 aquerenciam na alma e demonstram em todas as circunstâncias um dos mais belos legados dos seus velhos antepassados: Cavalheirismo e educação”. (p. 61)

É evidente que, entre a elaboração das normas a serem seguidas com a intenção de organizar e difundir o movimento, foi necessário para que a proposta tivesse clareza em seus objetivos, tanto que Lessa (1985) enumera algumas finalidades que consideram fundamentais para serem exercidas dentro dos CTGs, como:

- a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e conseqüente divulgação pelos Estados irmãos e países vizinhos; b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo apoio possível. O centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa. (p. 58)

Percebe-se que a idealização do movimento não surgiu simplesmente do além, sem explicações. A tradição gaúcha foi calcada em situações da vida cotidiana do povo do pampa, em que buscou-se um resgate histórico e com a finalidade de providenciar a continuidade e a unificação do grupo cultural, tentou-se garantir a manutenção, a preservação da cultura regional, num modelo de igualdade entre as pessoas. Buscaram-se esses valores, através da imagem do homem rural e o meio campesino.

Para tanto, em julho de 1961, no CTG “O Fogo Gaúcho”, na cidade de Taquara, foi aprovada a “Carta de Princípios” do MTG, de autoria do poeta Glaucus Saraiva, e teve como alguns dos objetivos: Cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore; Promover, no meio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho; Preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares; Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns; Evitar todas as formas de vaidade e personalismo que buscam no Movimento Tradicionalista veículo para projeção em proveito próprio; Evitar toda e qualquer manifestação em proveito próprio; Evitar atitudes pessoais ou coletivas que deslustrem e venham em detrimento dos princípios da formação moral do gaúcho.

Inspirados no ideal de resgate do pago, procurou evidenciar alguns valores morais reforçando a honestidade e o bem coletivo, pois entendiam que estava se perdendo e a influência de outras culturas “interferindo” no modo de vida do gaúcho, aliando também a saudade do campo, justifica muitas regras estabelecidas pelos idealizadores do tradicionalismo.

Em 1948, aquele grupo de jovens reuniu-se, inicialmente, para matear a beira do fogo de chão, contar causos, recordar a vida rural da campanha, mas que, aos poucos, foi se transformando na busca pela valorização do passado, para dar um sentido ao jovem movimento que se construía. Buscavam, também, a valorização e a centralização da figura do peão campeiro como a identidade representante do tradicionalismo gaúcho, o resgate do amor ao pago, a querência, a valorização pela moralidade, mas principalmente, o espírito coletivo, representados nas músicas e nas poesias gauchescas. Nessa busca pela coletividade e a luta por uma mesma causa, Lessa (1985), ainda expressa que:

Embora não tivéssemos nítida consciência do fenômeno, cada um de nós era o indivíduo autoconfiante, seguro, que reencontrara o pago (...), o indivíduo sente a necessidade de companheirismo, do

encorajamento e da segurança emocional, proveniente do fato de pertencer a uma unidade social coesa cujos membros compartilham as mesmas idéias e padrões de comportamento. (p. 59)

Mas, anterior à 1948, percebemos que já existe uma certa valorização pelo passado e o espírito de engrandecimento do gaúcho, como é o caso de citarmos João Simões Lopes Neto, cuja proposta em suas obras, foi uma provável introdução do mito do gaúcho, construindo uma identidade através da literatura, muito antes do pensamento de construção da Tradição Gaúcha, idealizada por Lessa e os demais estudantes.

Na visão de Chaves (1982), com o decorrer dos séculos, surgiram elementos indispensáveis para encobrir a primitiva origem do gaúcho com sentido pejorativo, no qual em meados do Séc. XVIII, o termo gaúcho englobava os ladrões, os vagabundos que viviam do gado alheio, do contrabando e da venda de couro. Eles também eram conhecidos como gaudérios.

Apenas em meados do séc. XIX, é que o termo gaúcho aparece também com o significado de guerreiro, peão, ou seja, o homem que vivia na estância, cujas tarefas diziam respeito ao trabalho pastoril, mas que se transformava constantemente em funções militares nas longas guerras de fronteira. Para o autor: “É a partir dessa raiz que o gaúcho passa a ser representado sob uma dupla face: por um lado, o campeador, embrenhado na vastidão dos campos à volta com o seu gado; por outro, o guerreiro em combate incessante contra o inimigo da banda oriental.” (p. 34)

No entendimento de Chaves (1982), o gaúcho foi transformado em “legenda” pela imaginação popular. Por volta da metade do séc. XIX foram escritas algumas obras que contribuíram para o processo de mitificação e incorporação do gaúcho ao tema literário, como por exemplo, O Corsário, obra do romancista José Antonio do Vale Caldre e Fião, o qual aborda esse processo de mitificação, de um homem “meio peão meio guerrilheiro”, idéia que se processou com maior intensidade, posteriormente à Revolução Farroupilha, em que o sentido da palavra gaúcho começa a ter um novo significado, na maneira como descreve o gaúcho. Com isso, Caldre e Fião *apud* Chaves (1982) diz que:

“Eram quatro moços vestidos à gaúcha: eles traziam chapéus arredondados de abas largas; trajavam chilipás com franjas; coletes vermelhos com botões amarelos, chalés de cachemira velhos amarrados à cintura, excetuando um deles que cingia uma linda e bordada guaiaca; e traziam ainda grandes e pesadas chilenas de prata; estavam armados à rio-grandense, com espada, duas pistolas, uma faca, uma carabina, e o laço e as bolas, que estavam seguras aos tentos dos cavalos; seus aspectos eram guerreiros; em seu todo apresentaram uma lhana franqueza e alegria bem pronunciada. Três dentre eles tinham cabelos ruivos em cabeleiras pendentes sobre os

ombros, exceto o que cingia a guaiaca, que tinha cabelos castanhos também da mesma forma dispostos.” (p. 36)

Nesse contexto, percebe-se que a idéia foi valorizar o homem sul-riograndense, expondo sua valentia e coragem sem deixar de expressar sua camaradagem. Esse resgate do passado contribui para a valorização do gaúcho, na construção de uma identidade, uma busca de valores morais e o resgate de uma vivência muito distante do homem ligado basicamente ao meio rural com todas as suas peculiaridades. Ambiente esse que estava perdendo espaço para os “modismos” vindos de outros estados brasileiros e até mesmo dos norte-americanos, como a influência do vestir, das músicas, no modelo de comportamento das pessoas que se deixavam seduzir pelas influências externas. Foi baseado nisso, que Lessa e os fundadores do 35-CTG, procuraram resgatar os valores do sul, recuperar traços da cultura popular, através dos acontecimentos e fatos históricos do passado, como uma resposta aos modismos.

Entendemos que Barbosa Lessa, Paixão Cortes e os demais idealizadores do movimento, inventaram a “tradição gaúcha”. Com isso, buscamos o apoio de Eric Hobsbawn, para explicar que o processo de “invenção” de tradições, daria a idéia de algumas práticas relacionadas a essas tradições serem decorrentes de um passado remoto, como uma interpretação, uma expressão do passado. Para Hobsbawn (1997), “tradição inventada” significa:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (...) na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória. (p. 21-22)

A construção de uma identidade para o Rio Grande do Sul foi referenciada através de figuras típicas que apresentam a relação com o meio rural, com o pampa, com o apego a terra e com os diversos atributos que dizem respeito à indumentária, aos hábitos alimentares, a dança, a música. Todos esses fatores estão misturados entre si, sem esquecermos que, principalmente, valoriza e resgata o mito dos “heróis” Farrroupilhas, na demonstração de homens guerreiros que fizeram história.

Se nos aprofundarmos no tema regionalismo e toda a sua conjuntura, percebemos que a literatura teve muita influência no que diz respeito a vida cotidiana, da lida campeira e de todo o contexto de vida no meio rural, inclusive da linguagem falada e de algumas expressões que são evidentes até nossos dias. Em Chaves (1982), viajamos no tempo e encontramos em João Simões Lopes Neto, na obra *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, escrita em 1912, em que este faz uma narrativa transformada em uma exacerbada valorização deste “pago”, como a busca de uma identificação e interpretação “do espaço circundante”, uma definição originária na “fixação dos tipos, costumes e linguagem locais e tendo por principal atributo o pitoresco.” (p. 11)

No entendimento de Chaves (1982), quando surgiu os “Contos Gauchescos” a literatura no Brasil atravessava um “surto regionalista” praticamente generalizado e, isso contribuiu para, segundo, Simões Lopes Neto, um estilo bem “bagual” de uma linguagem rural e cenas do cotidiano. Ainda é uma expressão do regional e que traduz uma ideologia regionalista porque caracteriza um espaço físico, apresenta um mundo e um “código” social que os identifica.

Podemos usar como exemplo os contos, “O Negro Bonifácio”, “As Trezentas Onças”, “No manancial”, entre tantos outros, em que retratam peculiaridades que hoje são representados dentro do MTG. Para Chaves (1982): “No Rio Grande do Sul, o regionalismo instaurou uma tradição regionalista, com raízes tão profundas e duradouras, que se converteu em marca de identidade de toda a ficção.” (p.13)

Já para Bosi (1966), “o projeto explícito dos regionalistas era a fidelidade ao meio a descrever: no que aprofundavam a literatura realista estendendo-a para a compreensão de ambientes rurais ainda virgens para a nossa ficção.” (p. 13)

Nessa perspectiva, no processo de mitificação do “gaúcho” em que é apresentada a idealização de um homem corajoso, valente e guerreiro seria impossível esquecer de um elemento que foi fundamental para a construção do Continente de São Pedro: o cavalo, que figurava na vida das pessoas como um fiel companheiro, tanto na guerra, quanto no dia-a-dia da lida campeira. Sendo assim, nada mais natural que o culto do gaúcho ao cavalo, identificando-o, segundo Reverbel (2002):

A sua função foi primordial na guerra e na paz, nos entreveros e cargas de lança, nas arreadas e nas tropeadas. Sem o concurso do cavalo, o laço e as boleadeiras, instrumentos indispensáveis no trabalho de domínio sobre o gado alçado, teriam sua utilidade grandemente limitada. (p. 40)

Reverbel (2002) entende que o “gaúcho” não chegaria a existir sem o auxílio do cavalo, pois há uma sintonia muito grande entre o homem e o animal, pois tanto na guerra, como no transporte e ainda, no trabalho e nas horas de lazer como as carreiras de cancha reta, ele era indispensável e com isso, ajudou a dar origem a uma cultura com um modelo representativo na construção do mito “gaúcho”.

O mesmo autor ainda explica que, até mesmo os estancieiros primavam pela rusticidade, com suas casas muito simples, sem grandes confortos, mas no que se referisse ao trato com sua montaria, davam lugar a ostentação, demonstrado pela valorização do uso das “esporas de prata, os cabos de rebenque lavrados até a ouro, as guaiacas recamadas de enfeites, as facas finamente ajazadas, os aperos de prata trançada, os palas de pura seda, os ponchos de vicunha franjada.” (p. 46)

O homem que fosse se estabelecer no pampa teria o seu papel histórico condicionado a dois fatores, ou seja, a exploração pastoril, provavelmente a cavalo; e, a ocupação de uma área legítima, pois como a fronteira era muito móvel, em muitos momentos o cavalo também foi elemento decisivo. Para Reverbel (2002): “Segundo o princípio caudilhesco de que tropa a pé é tropa fora de combate.” (p. 40)

De acordo com Golin (2004), no que se refere ao lazer, o cavalo foi um instrumento de diversão, pois as carreiras de cancha reta foi o esporte de preferência do homem do pampa. Altas quantias em dinheiro eram apostadas para ver quem possuía o cavalo mais veloz, mas muitas vezes, era na volta das campeiradas que a disputa acontecia com os cavalos de trabalho. Com o tempo, essa prática transformou-se em negócio e a “paixão” de muitos pelas carreiras os levou à ruína, a perda de grandes fortunas como o gado e até mesmo as estâncias.

Através desse comentário, vale salientar que, até poucos anos atrás, ainda acontecia essa prática de esporte, mas que hoje, entre as diversas provas campeiras, disputadas nos rodeios, há uma diversidade maior nas competições, como prova de rédeas, de gineteada, de pealo, de vaca parada entre outras, que ocorrem com grande frequência (todos os finais de semana), como uma forma de resgatar a sintonia entre o homem, o cavalo, o meio ambiente e a vida rural, sendo que, na “Coletânea da Legislação Tradicionalista” (2003), foi criada uma Lei Estadual de Rodeios, a Lei nº 11.719, de 07 de janeiro de 2002, que assim segue:

Fica instituído oficialmente o rodeio crioulo como um dos componentes da cultura popular sul-rio-grandense. (...) Entende-se como rodeio crioulo o evento no qual se desenvolvem a prática e a demonstração de atividades do gaúcho, compatíveis com as suas

tradições e folclore, sejam de cunho campeiro, artístico ou desportivo.
(p. 356)

Nesse universo de invenção da tradição, Lessa (1985) explica que o grupo que idealizou a tradição não eram historiadores, folcloristas, antropólogos, mas sim tradicionalistas, jovens estudantes que ainda não haviam chegado a universidade. Estavam mantendo no presente, aspectos do passado intencionando uma visão para o futuro, o de manter e cultivar a tradição, o mito heróico do gaúcho. Para tanto, algumas lacunas precisavam ser preenchidas, por isso foi necessário buscar na literatura, um pouco da história, das lendas, para caracterizar e formatar o estilo gaúcho de ser. Mas, segundo o autor, o problema maior residia nas canções e praticamente a única conhecida era a do “Boi Barroso”, e essa mesma dificuldade foi encontrada também nas poesias gauchescas, pois gostariam de ter um acervo amplo para declamarem nas “tertúlias galponeiras”.

Com o passar do tempo, mais de meio século depois da invenção da tradição, cantores e compositores retratam através das músicas a vida campesina, o homem e o cavalo, o linguajar campeiro, o resgate histórico (mitificado) da Revolução Farroupilha. Hoje existem canções que supervalorizam o mito do gaúcho. A música “Milonga Maragata”, de Francisco Luzardo e Tiago Cezarino, cantada por César Oliveira e Rogério Melo é ilustrativa desse contexto, ligadas ao heroísmo e a coragem do homem do pampa, principalmente na guerra, em que era necessário defender seu território, a valentia aparece como um “culto” ao tradicionalismo. Veja a abaixo:

Milonga Maragata

Sou herança de maragato A velha raça caudilha! Tenho sangue farroupilha Galopando em minhas veias Nos arrancos de trinta e cinco Andei trilhando coxilhas Enredado nas flexilhas Tramando aço em peleias	E um “quarenta” de argola Pra garantir a querada Carcaça de puro cerne Forjada em têmpera guapa Com a rude estampa farrapa Plantei tenência de mau E a descendência da raça Semei no eco do berro Brincando de tercear ferro Com chimango e pica-pau	Nesta milonga gaúcha Que, por taura não se enleia, Peleia dando risada!! Porque o macho se conhece É atrás do “S” da adaga Debaixo do tempo feio Só a coragem sustenta! Pode faltar ferramenta Mas sobra a fibra guerreira Pois quem herda a procedência Do nobre sangue farrapo Só morre queimando trapo Peleando pelas ladeiras
Chiripá de saco branco Lenço atado a meia espalda E uma vincha que se esbalda Na melena esgadelhada Na cintura, a carniceira, Companheira de degola!	Relampeia ferro branco Também troveja a garrucha	

Com o instinto libertário
E o tino de um fronteiro,
Eu era um clarim
guerreiro

Pondo em forma o Rio
Grande
Pois a grito e pelegaço
Fiz a Pátria que pertença

Cabrestear para um lenço
Maragateado de sangue

Tendo como base essa e tantas outras canções, percebe-se que o MTG se mantém em uma posição de engrandecimento da saga gaúcha, valorizando a coragem nas “peleias”, colocando o “monarca das coxilhas” em um pedestal, cuja influência se propagou através do tempo e que o tradicionalismo teve o poder de dar ênfase ao “culto” das tradições. E uma boa parte da propagação do movimento se dá justamente através das músicas, cujas letras valorizam o meio rural, o cavalo, a coragem das batalhas, do homem campeiro, a saga dos “heróis” na Revolução Farroupilha e no que se refere ao entendimento da construção das músicas, segundo Pacheco (2003):

Para os Nativistas, os tradicionalistas seriam como os ressuscitadores de dogmas, de formas autoritárias de impor suas representações de cultura gaúcha, veiculadas nas canções, julgando-se proprietários das manifestações do cantar gaúcho. (...) Os tradicionalistas exercem sem poder de limitar, de ditar regras e formas de comportamento, consideradas, por eles, como sendo as mais “autênticas” na representação da cultura gaúcha. (p. 28)

Conforme o depoimento de Vinicius Brum, ele entende que tradicionalismo e nativismo são:

nativismo é um sentimento natural de pertencimento a uma determinada cultura; regionalismo trata-se de uma manifestação artística que tenha como objeto de reflexão essa mesma cultura; e tradicionalismo é um movimento associativo que, através de normas próprias, busca cultivar os elementos construtores da história e do *modus vivendi* dessa mesma cultura.

Entende-se que nesse processo de produção de uma identidade cultural gaúcha, o MTG teve importante papel, pois com toda a divulgação e construção da tradição, conquistou destaque entre tantos outros movimentos e culturas, mas que acima de tudo buscou dar continuidade no que diz respeito aos aspectos da vida cotidiana do homem campeiro, do homem rural, do peão e para que se concretizasse a representação da cultura gaúcha, a música tem sido um fator importantíssimo, um ponto de partida para a disseminação da tradição.

Para tanto, nesse contexto, é necessário avaliar que o estereótipo do gaúcho se deve às inúmeras mudanças que ocorreram no setor pecuário, as transformações no campo no final do século XIX. Para Salaini (2006): “A figura emblemática do gaúcho é representada

pelo homem da campanha que teve na Revolução Farroupilha o cenário para suas façanhas e heroísmos”. (p. 41)

Dessa forma, a Revolução se configurou num modelo para a exaltação dessa figura para a construção desse estereótipo, ou seja, a referência aos heróis farroupilhas que foram inseridos na formação de um tipo social que é reverenciado e idealizado dentro do MTG.

Partindo dessa idéia, vale acrescentar que ao produzir uma identidade regional sul-rio-grandense e ao investimento em uma forma de ser do gaúcho, Salaini (2006), percebe que o MTG é um grupo organizado e atento a tudo o que se refere aos símbolos do Estado, cuja função é orientar e controlar e para isso, é de fundamental importância estabelecer os “verdadeiros” valores gaúchos. Para tanto, se colocam como “guardiões dessa tradição”. E que, a partir de uma interpretação do passado da região (a Campanha gaúcha), construíram a figura do gaúcho.

No entendimento de Pacheco (2003), a noção que se definiu de cultura e de identidade foi se desenhando regulamentações, normas e regras que pudesse caracterizar o gaúcho campeiro, para ser transformado em padrão, um estereótipo pelo qual todos os sul-rio-grandense deveriam se ver representados.

Segundo Figueiredo (2006), o termo gaúcho, no sentido que é utilizado hoje, como um identificador, como uma designação dada a todas as pessoas que nascem no território sul-rio-grandense, luta para sobreviver. Há tipos sociais variados, como a etnia, religião, grau de instrução, profissão, seja pertencente ao meio urbano ou rural, mesmo com todas essas diferenças foi travado um modelo humano e cultural na construção e manutenção do mito deste. Na reflexão da autora, passa a idéia de que o gaúcho foi se transformando com o tempo, ou seja, em uma abstração que se consolidou, com isso:

No caso do gaúcho, foi a possibilidade de um reconhecimento dessa diferença que tornou viável o desenvolvimento de uma determinada idéia, pois que hoje são muitos os gaúchos. Antes como tipo social localizado muito especificamente no tempo e no espaço, é um trabalho combinado de fontes, fatos e invenções que agora tornará o gaúcho muito mais um conceito, uma idéia que deixará de estar presa a um momento ou a um espaço mais definidos originalmente. (p. 18)

Atualmente a trajetória do homem dos pampas é “coroadá” pela insistente manutenção da tradição inventada e altamente difundida dentro do movimento tradicionalista, que tem um “canal” permanentemente aberto, principalmente na mídia, o que reforça a idéia de o gaúcho se manter como o símbolo de “resistência regional”.

Partindo disso, busca-se novamente na “Carta de Princípios”, os ideais de valorização e insistência em reforçar essa idéia, instituído em “zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais”.

O Tradicionalismo gaúcho se formou e se firmou num cenário histórico de lutas entre impérios e nações. A sociedade que constituiu o Rio Grande do Sul tem raízes históricas assentadas em diversificadas experiências sociais, históricas e culturais. O fenômeno do tradicionalismo desperta a atenção dos estudiosos, que perceberam não tratar-se de modismo, menos ainda de uma válvula de escape voltada para um tempo remoto que não existe mais e talvez nunca tenha existido.

Ao contrário, é um movimento com enorme eficácia sobre o comportamento de seus integrantes e o despertar para a cidadania, baseando-se na consciência dos valores vividos dentro da entidade. Possui um sentido histórico, consciência do passado para a preservação da cultura no presente e a perspectiva de continuidade no futuro. Por isso, usa-se a expressão: “Passado de geração para geração”. Busca-se no tradicionalismo o sentido comunitário que a cultura gaúcha empresta à sociedade e que, acima de tudo, também é um movimento que afirma a identidade do gaúcho, contrastando-a freqüentemente com outras identidades.

Percebe-se que a invenção da tradição gaúcha, na sociedade sul-rio-grandense contribuiu para que o gaúcho fosse reconhecido em todos os cantos do país. Criou-se uma identificação e que se buscou a inspiração através de homens formadores de idéias, que lutaram pela questão econômica no Rio Grande do Sul e que, através dos tempos, foram considerados “heróis” para a história, levando em consideração as batalhas e a luta que durou 10 anos. Hoje vê-se que o lado “herói”, apenas serviu para a construção da invenção do mito, pois o MTG é um movimento organizado, que busca no meio rural, a perpetuação da tradição. É necessário que ele continue mantendo a resistência contra fatores que procuram desconstruir o mito, por isso, almeja-se expandir suas fronteiras cada vez mais com o passar das gerações.

Isso se torna mais evidente e reforça a idéia, com o auxílio da mídia, através dos meios de comunicação, principalmente o rádio, que diariamente está presente nas casas, fazendo com que a música, de certa forma, traduza o espírito campesino e que possa traduzir a lembrança da vida rural. Até mesmo para aquelas pessoas que não possuem acesso direto a ela, mas que simplesmente possuem a admiração pelo movimento.

Vejo na música um dos fatores influentes na trajetória do MTG, já que elas são bem escritas e traduzem um sentimento de apego ao pago, fazendo com que brote um saudosismo capaz de seduzir, de mexer com os brios de um povo. Ela apresenta os feitos heróicos de coragem e de bravura, a busca diária e constante de sobrevivência, a luta pelo que acreditamos. Até hoje, o movimento nos passa a idéia de valentia, de poder, de enfrentar dificuldades, que é o reflexo da herança farroupilha, na busca de autonomia.

E o MTG dá sua contribuição, fazendo com que essa chama sempre fique viva na memória dos gaúchos que freqüentam os CTGs. Absorvem todas as atividades possíveis ligadas ao campo, aderindo à rusticidade, a maneira simples de viver. Isso é refletido nos acampamentos dos rodeios, o zelo pela simplicidade e a convivência direta com a natureza. Dentro dos CTGs, zelam pela que é rústico e simples. Já na percepção de Barcellos (1970):

O que agora se verifica, mercê do atual movimento tradicionalista é a transposição simbólica dos remanescentes dos grupos locais, com suas estâncias e seus galpões para a coroação das cidades. Transposição simbólica mas que fará sobreviver na mais singular aculturação de todos os tempos, o Rio Grande latifundiário e pecuarista. (p. 51)

Em síntese, o MTG é um projeto nobre da classe proprietária rio-grandense, cujo movimento reflete seu desejo de se perpetuar no poder – nem que seja um poder simbólico, cultural. Este projeto se mostrou eficaz, se difundiu, se diversificou e entrou no século XXI forte e vigoroso.

Na reflexão de Côrtes (1981), “o tradicionalismo é um estado de alma e de espírito. É uma forma de rever as coisas do passado na preocupação de retirar elementos fundamentais que possam ser utilizados para consolidar o indivíduo na sociedade atual”. (p. 92).

2 – A DESCONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO TRADICIONALISMO GAÚCHO E A DESMITIFICAÇÃO DOS “HERÓIS”

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) tem sido alvo de inúmeros ataques e constantes críticas. São muitos os historiadores, jornalistas, autoridades acadêmicas e intelectuais dispostos a buscar argumentos suficientes para defender a não existência da construção da cultura sul-rio-grandense, a tradição gaúcha. Consideram ser uma mentira, uma ilusão, uma farsa. São estudiosos que desconstruem o mito dos “heróis” farroupilhas, interpretando-os como senhores de escravos e que lutaram apenas para defenderem seus próprios interesses e não do bem coletivo.

Com isso, conseqüentemente, consideram o MTG um manipulador de sentimentos do povo e, principalmente, que o MTG usa versões manipuladoras da história, como o apego à vida rural e a saudade do pago, gerando um falso saudosismo de algo que não se vivenciou, mas usa-o como se a vida rural tivesse sido única, ou até mesmo que se vivenciou, mas em péssimas condições de vida. Mesmo assim, no decorrer do tempo, o MTG conseguiu se fortalecer e ser determinante na construção de uma tradição que gerou uma identidade a um povo, baseado em quem “vive as coisas de nosso pago” e que tem atraído e encantando multidões de adeptos, seguidores e admiradores.

Nesse contexto, há uma diversidade variada de obras que esmagam e desconstruem os princípios do MTG. Concorde-se que a tradição foi inventada, mas a criação da tradição, que nasceu em 1947, com o grupo de estudantes, foi idealizada inspirando-se em fatos que ocorreram na Revolução Farroupilha (1835-1845), baseando-se na demonstração da luta, da vivência do meio rural, da obstinação pela liberdade e da afronta corajosa dos farrapos por terem lutado contra o império foram fatores decisivos para a construção de uma identificação para um povo, os gaúchos.

Baseando-se nesses aspectos, buscou-se construir uma identidade, adaptando alguns usos e costumes da vida rural, do trabalho no campo, instrumentos para caracterizar e se assemelhar a indumentária, as músicas, as danças, a culinária, entre outros. Isso fez com que se configurasse um estereótipo do gaúcho do Rio Grande do Sul que o identificasse. Tal movimento fez com que mexesse na intelectualidade de muitos críticos que se mantiveram empenhados em desconstruir a figura do gaúcho e o modelo idealizado da vida rural, do homem campeiro.

Pesavento (1985) interpreta como uma tendência idealista da historiografia regional na construção do mito, e que se transformou para muitos, em um dos acontecimentos

mais festejados e vivenciados do Rio Grande do Sul. Ela faz um discurso em que marca uma metodologia positivista, com a finalidade de legitimação da dominação e hegemonia do grupo de estancieros da sociedade civil, compreendendo que os elaboradores desta ideologia mitificada conformaram uma visão distorcida a respeito da Revolução Farroupilha e que deixou de esclarecer vários aspectos importantes da análise deste conflito.

No entendimento de Golin (1983), o enaltecimento e o engrandecimento dos “heróis”, é um exemplo de que a ideologia da classe dominante consegue se totalizar na sociedade. A força de “coesão” mediante a articulação de todos os fatores históricos, políticos, culturais, penetram com profundidade na vida social, envolvendo todas as classes e impondo-se sobre elas. A elite no momento em que detém em suas mãos os meios de produção material, conseqüentemente, vai dispor ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual, com isso, ficam subordinados à classe dominante. Particularmente no Rio Grande do Sul, os intelectuais conseguiram desempenhar melhor o seu papel devido a utilização do pensamento filosófico do positivismo, apoiado nas idéias de Augusto Comte.

Para o mesmo autor, em todos os aspectos que retratam a cultura sul-riograndense, seja nas biografias, seja nas artes, houve uma tendência em excluir todos os fatores negativos, esconder qualquer situação que prejudicasse o passado dos “construtores do Rio Grande”. Com isso, o “positivismo escamoteou todos os aspectos negativos da história riograndense, fazendo unicamente a apologia “positiva”. (p. 17)

Para Golin (1983), o MTG vive em constante contradição entre seus freqüentadores e seguidores, pois a cada momento estão na busca do aperfeiçoamento, mas sem fazer um profundo questionamento da verdadeira “essência” do movimento. Devido a essa realidade, constatam-se diversas manifestações conceitualizando o tradicionalismo, encontrando muitas vezes, uma “coerência ideológica” dentro de um mesmo desenvolvimento “teórico”.

Nessa perspectiva, na trajetória do MTG, a inspiração para a criação do tradicionalismo surgiu com simbologia de luta da Revolução Farroupilha, em que Bento Gonçalves é aclamado como um herói farrapo. Mas, conforme Golin (1983), os acontecimentos da Revolução Farroupilha são completamente distorcidos e mesmo que Bento Gonçalves tenha sido um destacado líder da oligarquia, também cometeu a prática do roubo e do contrabando de gado.

Para o autor, ele não era apenas um pobre ladrão de campo, como a maioria dos gaúchos, que por serem excluídos da riqueza buscaram através do roubo uma forma de sobrevivência. Bento não era pobre e nem gaúcho, no termo primitivo da expressão, já que

pertencia a elite. Bento Gonçalves foi o maior contrabandista de gado da região fronteira, e que ele jamais esteve preocupado com a estruturação de um outro modelo de sociedade ou alterar os “alicerces” do sistema com a “espada da liberdade”, como é cantada em inúmeras músicas e poemas no Rio Grande do Sul, assim como é apresentado também na construção do MTG. Para Golin (1983):

Muito pelo contrário, seu objetivo era enriquecer, usufruir ao máximo das condições de aliança e organização dos corruptos. (...) Em suma, Bento articulava-se na direção e defesa do latifúndio, vindo a ser, mais tarde, um dos expoentes da classe dominante, com força econômica e política. (p. 21)

No que se refere às idéias políticas travadas no calor da guerra, para Flores (1982), na conjuntura mundial com o surgimento do liberalismo, um novo sistema de governo entrando no cenário sócio-político, traz novas idéias e, conseqüentemente, revoltas e revoluções pelo mundo. E, no Rio Grande do Sul não foi um fato isolado.

O autor concorda que os farroupilhas buscaram o apoio do povo, mas não lhes deram o direito de escolher que os representassem porque não consideravam que os “homens comuns” tivesse condições de nomear seus representantes, com isso apenas a elite, os “iluminados”, tinham a possibilidade de eleger os administradores que conduziriam a nação. Os liberais chegaram a considerar a grande maioria do povo como pessoas “confusas” e sem conhecimentos necessários, portanto, incapazes de assumir tal compromisso. Para ele: “O uso do termo farroupilha não significa que a revolução foi realizada pelo povo ou pelos maltrapilhos; seu uso teve como objetivo atrair as massas, pois os liberais, coerentes com sua doutrina, não pretendiam dar ao povo nenhuma participação no governo”. (p. 24)

Flores (1982) atribui a revolução e sua liderança como uma manobra de uma minoria, pois entende que o peão que participou da Revolução lutou como “peleador”, mas sem compreender o conteúdo ideológico do movimento. Simplesmente, lutou apenas para acompanhar o seu comandante militar, seu patrão, o estancieiro, já que ele e sua família (como em alguns casos) eram dependentes econômico do chefe que o “protegia”.

Para Golin (1983), ele não tira todos os méritos de Bento Gonçalves como um homem da elite e articulado com ela, identificando valores como o de enaltecer seu projeto de modelo de sociedade, mas em conseqüência, anulou, alienou o povo o direito de decidir, sendo privilégio apenas para a classe dominante, uma minoria privilegiada. Submeteu-os a exploração e ao espólio, mas principalmente o considera como um “senhor de escravos”.

Já no entendimento de Golin (2007), os construtores da tradição transformaram os fatos históricos da Revolução Farroupilha em um “monótono acontecimento”, sem

distinguir as diversas diferenças e “complexidades” que marcaram esse “fenômeno”. A tradição inventada teve como fatores primordiais esconder o lado obscuro do passado, “apagar as imperfeições” para moralizar os farrapos na busca de uma idealização dos “heróis”, construídos pela mídia, ignorando os acontecimentos históricos.

Portanto, a mitificação do “gaúcho” pelo tradicionalismo, reforçada pela mídia e governo, dificulta o estudo do gaúcho histórico como ele realmente se caracterizava, mascarando as tensões sociais que existiram na Província do Rio Grande do Sul, e que foram mantidas na Revolução Farroupilha. (p. 15-16)

Para a autora, convém salientar que esse processo de mitificação está sendo aceito pela sociedade, pois basta observar que os valores estão sendo disseminados e cultuados pela grande maioria do povo sul-rio-grandense. É questionável a aceitação do mito como legítimo e fiel representante da cultura do Rio Grande do Sul, pois é manipulado o imaginário popular para “atender a interesses contemporâneos”, que está identificado pela história como uma mentira, uma farsa, que procura se enquadrar dentro de um perfil sem deslizes éticos e morais, para se tornar um estereótipo idealizado.

Com isso, esse lado obscuro da Revolução Farroupilha, apresentado por alguns historiadores, faz com que seja gerado no meio da sociedade uma distorção do real sentido do MTG e o motivo que o objetivou à construção da tradição. O MTG não pretende reviver a guerra, mas valorizar o homem do campo, fazer com que ele se sinta orgulhoso de viver em uma terra em que foi necessária muita coragem para impor um novo sistema de governo, já que o modelo político existente estava sufocando a economia sulina. O MTG não pretende recontar a história, mas almeja passar valores de nobreza, cavalheirismo, coragem. São sentimentos que valorizam um povo e que transformam esses valores em identidade.

Nesse contexto, no entendimento de Flores (2007), ele considera como característica do gauchismo e do tradicionalismo a “fuga do presente”. Tem como referência o passado “idealizado, cristalizado no tempo. As raízes do gauchismo mergulham no regionalismo literário do século XIX e no positivismo com a idéia de federação e de que somos diferentes dos demais brasileiros”. (p. 9)

Mas também no entendimento de Flores (2007), o mito do gaúcho “extrapolou” regiões, quando ele cita que é comum perceber que pessoas de outras etnias, como os descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses, judeus, e outros, usando a indumentária gauchesca em “danças coreografadas” e falando uma linguagem com o sotaque característico da região da Campanha do Rio Grande do Sul. Para o autor:

O espaço histórico do gaúcho era o Pampa argentino, uruguaio e sul-riograndense, mas a criação literária extrapolou o espaço original, colocando-o em zona onde ele nunca existiu, como na área de colonização européia, lugar de pequenas propriedades, ou nos Campos de Viamão, território de criadores e de tropeiros de mulas. (p. 7)

Flores (2007), ainda salienta que:

A produção literária tradicionalista é tida como modelo de nossa tradição, sendo adotada inclusive em escolas, difundindo modos de pensar e de agir, usando o mito do gaúcho como símbolo da identidade do Rio Grande do Sul, transformando em espetáculos gauchescos as manifestações culturais de diferentes etnias. Nas áreas de colonização alemã, italiana e polonesa, onde não existiu o gaúcho, erguem-se galpões de CTG, onde descendentes de colonos fantasiam-se de gaúcho e de prenda, esquecendo as tradições e o folclore de seus antepassados. Prefeituras e município sem a tradição do gaúcho, realizam rodeios, festivais de canções e de danças, destruindo muitas vezes o folclore e tradição locais. (p. 17-18)

Nesta perspectiva, de acordo com Golin (1983), com relação ao uso da indumentária, ele focaliza o uso do poncho e da bombacha, enfatizando que as pessoas que as usavam eram apenas os pobres e os peões das estâncias ainda, que veio parar no Rio Grande do Sul, em função da Guerra do Paraguai. Chegou ao Prata, depois da Guerra da Criméia, quando as fábricas inglesas produziram milhares de uniformes ao Exército da Turquia, mas como o conflito acabou antes do esperado, as “pantalones turcos” ficaram encalhadas. Conforme Golin (1983):

O mercado rio-platense foi a salvação para tão grande prejuízo, além do despejo em tropas da Tríplice Aliança. Como uma demonstração tradicionalismo em que nada vive isoladamente, o gaúcho só passou a usar as honradas bombachas de hoje porque o mercantilismo inglês não admitia saldo negativo em seu caixa. (p. 93)

Observa-se certa ironia, quanto a forma com que é colocado o entendimento quanto ao uso da indumentária gaúcha, pois tenta desmoralizar a vestimenta, sem entender que a bombacha é uma vestimenta muito apropriada para se andar a cavalo, havendo maior facilidade de se locomover. E, para manifestar a sua indignação quanto ao uso da pilcha, no dia 20 de setembro, data em que se revive anualmente, através do desfile, uma espécie de homenagem aos gaúchos, o mesmo autor acrescenta: “Vestem-se com pilchas domingueiras e muitos clubes possuem uniformes. O culto do tipo ideal, expressado nos heróis principalmente da Revolução Farroupilha, realiza-se, na prática, nesses desfiles de fantasia”. (p. 85)

Segundo o Manifesto contra o Tradicionalismo, considera que há uma visão deturpada da história do Rio Grande do Sul, em que foi mitificada uma idéia falsa da figura

do gaúcho formando dois pólos, o de ser gaúcho e estar à caráter ou simplesmente não ser gaúcho. Com isso, divulga que: “Somos contra o MTG, especialmente porque, em sua cruzada unificadora, construiu uma idéia vitoriosa de “rio-grandense autêntico”, pilchado e tradicionalista, criando uma espécie de discriminação...”

Nesse contexto, Golin (1983), acrescenta que os idealizadores do MTG possuem uma base sólida para dar continuidade na pregação de seus princípios e objetivos na busca de mais adeptos ao movimento e, com isso, entendem que a monopolização dos programas gauchescos das emissoras de rádio e televisão contribuiu muito para difundir a tradição. Também, atribui ao poder do Estado uma parcela de responsabilidade por estar atrelado ao MTG, devido a sua influência com verbas para a formação de conchavos entre o tradicionalismo e o Estado. Segundo Golin (1983):

O atrelamento do MTG ao Estado é concreto e claríssimo. Os anais dos Congressos Tradicionalistas registram a dotação de verbas para a sua realização. (...) Habilmente, em vésperas das eleições de 1982, o Tradicionalismo promoveu encontro com os candidatos ao governo do Estado (Pedro Simon, Jair Soares, Olívio Dutra e Alceu Collares), e todos, além de se manifestarem defensores das tradições, se comprometeram em dar substancial apoio governamental. (p. 74)

Percebe-se, segundo o autor, que ocorre a formação de uma jogada política, já que o MTG conquista muitas pessoas e quanto maior fosse o apoio dos candidatos em relação ao movimento, maior seria o número de votos conquistando a simpatia de uma grande maioria de eleitores. Mas, conforme o depoimento de Cláudio Zappe sobre o auxílio e o apoio do Estado ao MTG e ao Nativismo, ele entende que:

esse movimento tem que ser incentivado muito mais, principalmente pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, porque não tem nenhuma publicidade que seja tão forte (...) de amor ao Rio Grande como os festivais. Então eu acho que o governo do Estado, a Assembléia Legislativa Gaúcha teriam que criar um formato independente desse que já existe e é essa lei onde os coordenadores vão até a Assembléia, até ao governo e conseguem fazer com que as empresas ao invés de pagarem um determinado valor de imposto, elas podem então colocar aquele valor nos festivais. Mas só que eu acho que esse movimento é tão grande, (...) tão importante para o Estado que eu acho que todo festival teria que encontrar uma fórmula a partir do seu 3º ou 5º ano de existência, ele automaticamente teria que ter uma verba destinada para incentivar ainda mais, a exemplo, como faz a federação gaúcha de futebol. (...) neste caso é para divulgar o nosso Rio Grande ainda mais, porque o Rio Grande é diferente, então os festivais tem que ser incentivados e esse movimento tem que continuar, porque ele está sendo um verdadeiro alicerce para a defesa do nosso belíssimo Rio Grande do Sul.

Nesse universo, de acordo com Flores (2007), os gaúchos adquiriram uma forma padrão na maneira de pensar e agir dentro de alguns grupos, e que ainda é reforçado com a ajuda da mídia e dos festivais. Com isso, a “defesa” da tradição pelos tradicionalistas ocorre através da manutenção de significados evasivos como a bombacha, o chimarrão, a linguagem ultrapassada, a poesia gauchesca, as cavalgadas, o churrasco, o galpão e o baile com danças coreografadas, demonstrando uma “linguagem simbólica”, que surge devido a existência de muitos fatores que estão fora do alcance da compreensão humana.

Para o mesmo autor, o símbolo do gaúcho, que não é o histórico, mas sim o que é cultuado, é um conceito que não se pode definir. A representação do mito do gaúcho, em muitas comunidades, passa a idéia de que é uma experiência que as pessoas gostariam de ter vivido, “mesmo transformada numa fantasia inconsciente, evasiva e precária que precisa ser estabelecida com normas: tamanho de armada do laço, coreografia da dança e tipos de pilchas ou o penteado e indumentária das prendas”. (p. 19)

Flores (2007) faz crítica à mídia por ser uma grande responsável em divulgar a tradição gaúcha, inflamando ainda mais a adesão ao movimento, pois é apresentado seguidamente danças e músicas. Os municípios investem na realização de provas campeiras (rodeios), concursos de danças e festivais de músicas, entendendo como um consumismo desnecessário, pois há lojas especializadas que vendem produtos direcionados aos tradicionalistas e, acrescenta que “esses espetáculos são uniformizados”. Interpreta a idealização do tradicionalismo como paradoxal quando se refere a “Prece do Gaúcho”, que teve como ponto de distribuição dessas orações, um hotel em Caxias do Sul que distribuía a seus clientes, ou seja, em um lugar onde “não existiu o gaúcho histórico”.

Nessa perspectiva, Golin (1983), na obra “A ideologia do gauchismo”, menciona com frequência o termo ideologia e que através da sua função, se cristalizou algumas atividades no tradicionalismo, como por exemplo, na visão do autor, os valores da classe dominante, que detém o controle do aparelho do Estado, devem ser as diretrizes que o povo deverá seguir. Ele percebe que o próprio Estatuto do MTG existe uma ideologia “em permanente namoro com o fascismo”. Com isso, atribui um fortalecimento às idéias, de que o Estado possui uma “solidez inquestionável”. Observa, demonstrando que o primeiro estatuto determinava que os CTGs deveriam ficar completamente alheios à política partidária, greves, comícios, a movimentos de reivindicação popular, enfim, a qualquer manifestação que perturbasse a ordem pública.

No que se refere à ideologia, o manifesto contra o tradicionalismo diz que:

Somos contra o MTG, por identifica-lo como um movimento ideológico-cultural, com uma visão conservadora e ilusória sobre o Rio Grande, cujo sucesso se deve, em especial, à manipulação e ressignificação de patrimônios genuínos do povo, pertencentes aos seus hábitos e costumes.

Conforme Chauí (2001), o termo ideologia é considerado um intermediário, em que a classe dominante legitima as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas. E, ainda acrescenta que:

Os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. (...) Essas idéias ou representações tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. (p. 23)

Mas, no entendimento de Maestri, o sentimento regionalista que havia fortalecido na República Velha, com a instauração do Estado Novo, governado por Getúlio Vargas, momento histórico que promoveu o espírito de nacionalismo, em que Vargas simbolicamente mandou queimar publicamente as bandeiras regionais. Com essa “Campanha de nacionalização”, fez com que os sentimentos regionalistas fossem reprimidos. O ideal separatista dos farrapos foi esquecido e todas as evidências históricas foram negadas pelos historiadores durante esse período.

Segundo o autor, durante o Estado Novo, São Paulo e Rio de Janeiro se industrializaram rapidamente, mas o Rio Grande do Sul continuou com sua produção “agropastoril”. Mesmo assim, a classe dominante aceitou a “subordinação” imposta para não perder sua “hegemonia” regional. Porém, após 1945 com a redemocratização no país, mas com a perda da identidade regionalista no Sul, fez com que se formassem movimentos culturais regionais para reafirmar a especificidade do povo sulino. Veio em oposição a proposta nacional-centralizadora em que o Sul foi marginalizado na Era Vargas. Ao invés da elite recuperar o atraso sulino, “os novos tradicionalistas reivindicaram o passado rural latifundiário arcaico apresentando-o em forma utópica e idealizada como uma perdida Era de Ouro”.

Para tanto, Maestri acredita que a releitura do passado poderia retomar a interpretação do movimento farroupilha, abandonando a leitura autoritária de Júlio de Castilhos. Nesse momento, a guerra dos farrapos surgia nesse contexto como uma expressão de glória do passado campesino e latifundiário, que se transformou na essência da cultura gaúcha. O tradicionalismo recriou de uma maneira ilusória a “fazenda pastoril” em que o

patrão protetor confraterniza com a peonada no galpão, mas ignorou a existência e a incorporação do trabalhador escravo dentro do movimento.

O autor salienta que o tradicionalismo construiu um “discurso ideológico” que sufocou a consciência e as expressões das contradições sociais através da criação do mito, que direcionam para o destino de “exploradores e explorados”, idealizado em torno do culto do latifúndio e que nesse momento a sociedade vivia um contexto de acelerado crescimento industrial. Maestri entende que:

Amparado pelo poder privado e governamental o MTG dedicou-se a divulgação de tradição conservadora inventada, através da sufocação da rica, plurifacetada e em grande parte desconhecida história do trabalho do homem e da mulher na construção de suas vidas nessas paragens do Sul das Américas.

De acordo com a definição de ideologia, voltando ao MTG, com relação à visão da construção da crítica, percebe-se que o tradicionalismo existe porque foi calcado em fatos históricos distorcidos, que os tradicionalistas vivem uma espécie de ilusão às histórias dos feitos e fatos considerados “heróicos” dos farrapos, que foram manipulados. Observa-se que há um entendimento entre alguns autores de que a tradição se perpetua porque existem pessoas “ignorantes” e alienadas no meio tradicionalista e que não tem conhecimento do real fato histórico, e por causa disso, a tradição ainda se mantém.

Já na percepção de Jaime Brum Carlos, ele explica que contribui com o movimento, que auxilia e mantém sua participação dentro dos CTGs, faz parte da diretoria dos narradores, mas que muitas vezes é “olhado meio enviesado” por alguns líderes do MTG, por contestar o movimento. Fica evidente que o MTG não possui a perfeição, mas mesmo com seus erros e acertos, diz: “O movimento não gosta de ser contestado. (...) O MTG é uma coisa que eu debato sempre e que o próprio nome diz: Movimento. Ele não pode estagnar, estagnou, deixou de ser movimento”.

Contudo, ao escrever algumas músicas com “conotações” de protestos e mesmo ao contestar o MTG, ele sofreu críticas na obra “A ideologia do gauchismo” de Tau Golin, na qual contestou a música que concorreu no II Encontro Nativista da cidade de Formigueiro/RS, em 1982, que segue: “Falam em velhas carretas/Peões, tropeiros extintos/Exaltam piás famintos/Confinados nas favelas/Se vestem de sentinelas/Protestando, sem lembrar/Que pra quem quer trabalhar/O pago não tem cancelas”. (p. 147)

Portanto, Jaime Brum Carlos explica que:

Já fui contestado, já fui citado até no livro do Tau Golin por ter escrito uma música com idéias, quando eu dizia que “para quem quer trabalhar, o pampa não tem fronteiras”, essa é frase que ele não admitiu. Ou “não tem

cancelas”. Uma das coisas que coloquei é que para quem quer trabalhar o pampa não tem fronteiras e a extrema esquerda sempre diz que para o peão não tem lugar no campo. A minha visão (...) é a seguinte, que a Legislação trabalhista tirou o peão do campo porque deu pseudos direitos demais, que hoje não se pode mais manter alguém no campo. (...) Outro detalhe (...) pra quem quer trabalhar, pra quem quer emprego não tem lugar.

Com isso, Golin (1983), expressa sua teoria de uma forma em que a dominação da classe dominante, considerando os latifundiários como os exploradores do campo e da cidade, colocando o peão em um patamar de um ser subalterno e não na igualdade considerada pelo MTG. Para o autor, a produção dessa cultura e os ideólogos que os compõe fazem com que a imagem seja refletida conforme o desejo da elite dominante, para assegurar a hegemonia, considerando que com isso, o tradicionalismo acaba por esconder a própria essência do ser humano. “Na sociedade capitalista, tanto o homem proletário, em sua forma de trabalho, como a arte são transformados em mercadoria, são fetichizados”. (p. 123)

No entendimento de Lessa (1955), “para que o grupo social funcione com unidade é necessário que os indivíduos que o compõe possuam modos de agir e de pensar coletivamente”, pois em sua tese, “unifica todos os homens, deixando de existir as classes sociais. Os interesses do capitalista, do operário (do estancieiro e do peão), aparecem como os mesmos. É defensor daquilo que chama de herança cultural”. (p. 133)

Com isso, Golin (1985) faz crítica à essa teoria, pois no que se refere a luta de classes, o movimento tradicionalista, ao negá-la, acomoda satisfatoriamente cada um no seu lugar, mantendo um “equilíbrio hegemônico”. Considerando aos tradicionalistas que a sociedade fosse admitida somente como um “equilíbrio eterno”, e tradicionalmente não pode mudar. O tradicionalismo possui a incumbência de convencer a sua massa de “soldados”, e que entra em colapso toda vez que se constata que o movimento que “revive um tempo de supremacia do latifúndio e os valores que se pretende transportar ao presente são representativos dos estancieiros, juntamente com a barbárie que cometeram (e cometem) contra o ser humano.” (p. 56)

Para Pesavento (1980), com relação a condição social, os grupos locais que Barbosa Lessa expressa em seus trabalhos, reflete uma outra condição social idealizada pelo tradicionalismo em que engrandece o peão, o homem do campo. Porém, o êxodo rural que se dá devido a baixa remuneração e à introdução de máquinas agrícolas no campo, entende que:

Uma vez fora do latifúndio, este trabalhador coloca-se no mercado de trabalho como mão-de-obra sem especialização alguma. Nas cidades, onde busca refúgio, suas habilidades na vida campeira não lhe valem colocação. Por outro lado, o desenvolvimento industrial do Estado não

oportuniza a absorção de toda mão-de-obra que afluente aos centros urbanos como operários. (...) São os grupos reais negando os grupos idealizados do Tradicionalismo. (p. 82)

Nesta perspectiva, partindo para a mitificação do gaúcho, segundo Flores (2007), o mito não é uma mentira e nem uma falsidade, é simplesmente a interpretação da realidade, mas que ao se referir a um fato histórico, não se consegue escrever ou falar sobre algo que nunca existiu. Com isso, a criação do mito do gaúcho partiu de fatos reais e que foi transportado para os “referenciais históricos”, e que passou no decorrer do tempo, ser conhecida de todos. Foi uma construção que se processou lentamente, pois passou de anônima para aos poucos ser passado de geração para geração. Para ele:

Em pouco tempo o mito confunde-se com a tradição, sendo aceito por todos, porque a narrativa ou a poética gauchesca usa matrizes sociológicas como o trabalho campeiro, casos contados junto ao fogo de chão, camaradagem galponeira e recordações da turbulência de antigas revoluções e guerras na fronteira. (p. 7)

Mas, no que se refere ao mito, enfatiza que:

A história dos povos é rica em manipulações de toda a espécie que fazem parte da política cultural de determinada época e do engajamento do historiador ou do literato. Muitas vezes os fatos são manipulados deliberadamente durante seu processo, ou, outras vezes, nas gerações posteriores que criam e forjam mitos de acordo com a religião, a filosofia ou o imaginário dos grupos de interesses. (p. 7)

Para o sociólogo Feil, que escreveu um artigo intitulado “A Disneylândia de Bombachas”, em que ele faz uma crítica à mitificação do gaúcho, argumentando que “a identidade que o senso comum registra do gaúcho é uma das tantas tradições inventadas pelo mundo afora”. E ainda enfatiza com a seguinte observação: “A cultura do Rio Grande do Sul é muito mais rica do que o estereótipo do tradicionalismo fetichizado. O tradicionalismo crioulo é excludente e autoritário, sufoca todas as outras manifestações de um estado múltiplo, colorido de etnias, artes, linguagens e imaginários”. (www.jornalismocultural.com.br/reportagem/sergaucho.htm, em 01/06/2008)

Entende-se que o “sufocamento” que o autor deixa explícito se refere às outras culturas em nosso estado que são tão ricas em diversas artes, vindas com a diversidade de pessoas que vieram colonizar a América em busca de uma vida melhor, como os alemães, os italianos, entre tantas outras culturas. Para Feil, os fundadores do MTG ao construírem o mito do gaúcho, espelhado no mundo rural sul-rio-grandense baseando-se em sua história de lutas e principalmente na inspiração da Revolução Farroupilha, com isso houve um “esquecimento” à

população que compõe as demais etnias, em que ficaram de fora da construção dessa representação.

Já para Jacobus (1985), após a fundação do 35-CTG, o próximo CTG a ser fundado ocorreu em Taquara, uma cidade de colonização alemã, local em que criaram o CTG Fogão Gaúcho, em 07 de agosto de 1948. Os fundadores do Fogão Gaúcho pretendiam afirmar o “ser brasileiro” e o “ser gaúcho”. Segundo ele:

...de se afirmar perante a sociedade taquarense, como gaúchos e não como estrangeiros. Porque muitos deles, sendo de origem alemã, ainda sentiam as influências negativas da perseguição sofrida durante a Segunda Guerra Mundial, como suspeitos de perseguição a “quinta coluna”. Possivelmente não era essa a intenção da maioria daquelas que se associaram ao CTG, após a sua fundação, mas certamente alguns dos novos sócios tinham essas intenções. (p.2-3)

Com o surgimento das entidades tradicionalistas, fora da área campesina, do meio rural, nas áreas de colonização alemã e italiana, enfim, da colonização européia de um modo geral, percebe-se a questão de que a hegemonia da cultura gaúcha estava sendo difundida em todos os lugares do Rio Grande do Sul.

Pois a crítica aqui estudada, observa-se o quanto há um empenho em desconstruir os usos e costumes da cultura inventada, em desmitificar “heróis”, em pisotear no movimento que tenta a muito custo, cultivar a semente que foi lançada em 1947. Independente das inúmeras interpretações do fato histórico é necessário destacar que o MTG tenta até hoje, valorizar a vida no campo, o apego ao cavalo, ao esporte campeiro (o rodeio), que tem muito a ver com o passado e a história da construção do Rio Grande do Sul. Foi necessário que o gaúcho se transformasse em um homem diferenciado, pois aprendeu a defender o seu “chão”. Devido a fronteira ter sido muito móvel, o gaúcho precisou enfrentar muitas lutas para não perder seus bens e suas propriedades, numa constante disputa de terras, e foi esse instinto de sobrevivência, resgatado na coragem e na persistência de luta, que o MTG buscou valorizar.

Entende-se que existem fatores dentro do MTG que precisam ser repensados, estudados, mas atribuir a ele a crítica de que tudo que é “cultuado” venha a ser desprezível é um exagero. Por exemplo, os jovens que participam do tradicionalismo organizado, estes aprendem o valor do grupo, do coletivo, da família, enfim, aprendem uma grande lição de vida, aprendem valores éticos e morais. Ser tradicionalista não significa ignorar outras culturas, pelo contrário, pessoas de qualquer etnia, religião, condição social podem freqüentar os CTGs ainda, é um dos poucos lugares onde podemos participar com a família. O tradicionalismo ainda possui um ambiente familiar em que se agregam várias gerações.

Se na história da construção do Rio Grande do Sul existiram militares, latifundiários, elite, classe dominante (motivo que a crítica se apóia para a desconstrução do mito do gaúcho), em qual contexto histórico não existiu? Ser tradicionalista não quer dizer que seja preciso concordar que os farrapos foram os “heróis”, mas apenas reconhecer que eles viveram e lutaram por um ideal daquela época, daquele contexto histórico que naquele momento foi necessário à reação e que, ainda hoje, persiste a idéia de luta do povo sul-riograndense. Se alguns governantes ou se o poder público utiliza o movimento para proveito próprio, o tradicionalismo não pode ser castigado por isso.

É necessário que se entenda o contexto da época (1948), para se compreender o Estatuto do MTG. Pois fica uma pergunta para refletir. Se não tivesse sido inventado o tradicionalismo, direcionando seu olhar para o campo, para o meio rural, e se não tivéssemos tido a influência da música gaúcha que retrata um pouco da vida cotidiana do homem campeiro, que influência será que teríamos no Rio Grande do Sul? Rock, pagode, funk, sertanejo, forró, ou a influência norte-americana? Pois é, todas oriundas de outras realidades, de outro contexto histórico. Então porque criticar tanto o MTG, já que ele é sinônimo de família? Considerá-lo falso e mentiroso, é sinônimo de falta de conhecimento do ambiente tradicionalista e de toda a vivência dentro do movimento que é tão divulgado, respeitado e cultuado por milhares de pessoas no Estado e que já ultrapassou fronteiras.

3 – A INFLUÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E NATIVISTA PARA A SOCIEDADE

O Movimento Tradicionalista Gaúcho desde a sua criação em 1948, foi a consolidação daquele momento em que o grupo de jovens transportou para a cidade um pouco da sua vivência no campo. Mas anterior a ele, Cezimbra Jacques em seus textos faz relações com o Estado, comportando-se em alguns momentos como historiador, outros momentos como folclorista ou também como tradicionalista, e com isso, colaborou para idealizar a primeira entidade no Rio Grande do Sul, destinada ao culto das tradições e que segundo Jaime Brum Carlos: “Esta tripla relação tem por objetivo justificar a necessidade de preservar as tradições e cultuá-las como valores do passado no presente, ou seja, há todo um esforço de sua parte no sentido de produzir um convencimento da necessidade de se criar o tradicionalismo”. (p. 46)

Com o passar das décadas foi se aperfeiçoando, se aprimorando e aos poucos foi tomando forma, para ser hoje, segundo o depoimento de Jaime Brum Carlos: “porque queiramos ou não ele hoje é o maior movimento cultural da América Latina organizado”. Mesmo o movimento em toda a sua trajetória ter vivido alguns pontos altos e tantos outros pontos baixos, ele possui uma forte identidade e que “a intenção daquela gurizada que criou, que começou o MTG, a história do fogo de chão, a semana farroupilha, a intenção deles na verdade era viver na cidade o pouco daquilo que eles tinham deixado lá”.

Segundo Jaime Brum Carlos não seria possível para os jovens estudantes que estavam estudando em Porto Alegre retornarem todos os finais de semana para suas casas, já que eles moravam na região fronteira do Estado, para “viver o campo”. Na verdade, eles criaram na capital uma “fazenda” para eles, que tinham um forte apego ao campo, a vida rural, mas era necessário “materializar” essa vivência que resultou nesse movimento que deu certo.

Constata-se que a valorização do regional foi fazer do centro urbano uma demonstração de patriotismo e reverência aos símbolos que representam através da tradição a encarnação da figura do gaúcho do passado para o presente. Foi o desejo em exaltar o regional, recriando o gaúcho nas suas vestimentas, alimentação, trabalho e lazer que fica evidente o esforço de criação de símbolos que os identificam como sinais que possam possibilitar caracterizar e justificar a necessidade de idealizar o tradicionalismo. Mas para a construção da “alma regional”, não foram inventados todos os elementos que compõe os símbolos. Foram feitos alguns aproveitamentos, pois basta olhar para a paisagem do pampa,

do cavalo como o companheiro do peão, do chimarrão para aquecer o rigor do inverno e do churrasco como prato principal. Foi uma adaptação de usos e costumes aliado ao mito do gaúcho conhecido por sua coragem e bravura.

No capítulo anterior, percebe-se a constante aversão dos intelectuais ao MTG, em que a maior crítica se faz com relação a criação do mito baseado nos feitos “heróicos” da Revolução Farroupilha, e que conforme alguns estudiosos, vem sendo desconstruída. Portanto, para eles, o MTG perderia o sentido de existir, já que a história dos farrapos vem perdendo a idéia de “heróis farroupilhas”, e nesse caso não teria a quem e nem a o quê se venerar. Mas conforme Jaime Brum Carlos:

Eu não vejo que o MTG queira contar a história do Rio Grande do Sul, contar a história da Revolução Farroupilha. Ela é um fato na qual eles se inspiraram, a gente se inspirou pra ter um ponto de partida, mas ninguém tem a pretensão de que o movimento seja o retrato fiel da história do Rio Grande do Sul.

Para ele, a intenção do MTG foi fazer com que permanecesse os costumes das pessoas e a idéia central dos idealizadores do movimento foi levar para a cidade um pouco do cotidiano do campo e seus hábitos, pois “antes da Revolução Farroupilha e depois dela o homem continuava andando a cavalo, tomando mate, o homem continuava laçando, o homem continuava dançando”.

Mesmo havendo uma determinada aversão do tradicionalismo por parte de alguns intelectuais e historiadores, que se dedicam a desconstruir o MTG, no depoimento de Cláudio Zappe, ele percebe que:

o jovem esta muito propenso às coisas novas, que estão chegando, por isso mesmo que ele é jovem, então não é que exista uma aversão, de repente o jovem está envolvido com músicas de sua época, naquela faixa de seus 15 até 23 anos, mas quando ele tem a oportunidade de ver alguma coisa do Nativismo, das músicas gaúchas e da nossa tradição, você vê que aquilo ali ele passa a gostar e aí ele fica com aquilo dentro dele. E essas outras, elas passam dentro das suas idades, mas essas ficam e eu tenho observado muito que mesmo dentro das universidades, porque os estudantes são inteligentes, então eu vejo alguns cursos, não vou dizer todos, mas alguns cursos da universidade, e até digo da UFSM, nós temos uma quantidade já muito grande de ouvintes, tanto que em programação de evento que eles fazem, muitos deles vem solicitar o apoio da Nativa.

Brum (2006) ressalta que mesmo antes da Revolução Farroupilha e seus dez anos de luta, pode-se dizer que a muitas décadas antes, a história foi construída à base de confrontos que podem simbolizar a imagem do gaúcho valente de hoje, pois é evidenciado ao longo do processo histórico sulino, inúmeros episódios que justificam essa gama de atitudes

em que se apresenta a construção de representações que tendem a ressaltar a coragem e a bravura dos gaúchos, como o exemplo de Sepé Tiaraju na batalha contra as duas metrópoles que o levou a morte.

Nessa mesma perspectiva, a Revolução Farroupilha é um fato histórico que não podemos rejeitar, mas que tem seus valores. Foi um movimento revolucionário motivado por interesses particulares, assim como até hoje vemos movimentações de indignação contra o governo, como temos o exemplo dos arroseiros no Rio Grande do Sul que brigam por melhores preços do seu produto. Portanto, Bento Gonçalves e os demais idealizadores da Revolução Farroupilha lutaram para defender o preço do produto econômico da época, o charque. Com isso, segundo Jaime Brum Carlos: “Ninguém faz uma revolução por ideologia. Bento Gonçalves entrou para defender o preço do charque dele, e que é um direito que ele tinha, assim como os arroseiros vão para a beira da estrada querendo que melhore o preço do arroz”.

No entendimento de Brum (2006), a tradição gaúcha foi inspirada na imagem e na personalidade “inconfundível” de Bento Gonçalves em que:

A relação com o passado remete à necessidade de recuperação das características da figura mais expressiva da Revolução Farroupilha (1835-1845), que passa a ser focado como fato histórico de maior referência para o culto das tradições gaúchas. O sentido seria recriar no presente, através de antigas tradições, a bravura e o arrojo dos charqueadores farroupilhas que no passado desafiaram o império brasileiro. (p. 46)

É possível entender que a Revolução Farroupilha foi baseada em interesses pessoais, mas que serviu para demonstrar a coragem e a valentia de homens que se afastaram de suas estâncias para lutarem contra todo o império. Sabe-se que não resolveu o problema, mas que mesmo assim, mexeu com os “brios” de um povo e que acima de tudo, tem orgulho de ser gaúcho. Historicamente o Rio Grande do Sul, o “garrão do país”, é conhecido por defender suas fronteiras. Foi uma região construída em cima de diversos Tratados com uma fronteira muito móvel na disputa de interesses conflitantes entre Portugal e Espanha, e que a Revolução Farroupilha veio confirmar o ímpeto de bravura de homens em defesa de suas propriedades e seus bens.

Se essa conquista foi lícita ou ilícita, não nos cabe julgar, o que na realidade nos interessa é esclarecer que por trás do interesse próprio, se definiu novamente a coragem de um povo em não se calar diante das adversidades impostas pelo governo. Foi inspirado nessa audácia que o MTG sobrevive e que o gaúcho tem orgulho do chão que habita, de defender o que lhe pertence e isso foi semeado no decorrer dos séculos. De acordo com Jaime

Brum Carlos: “A crítica ao MTG parte de quem não conhece o movimento intrinsicamente, quem vê a coisa de forma superficial. Te garanto, sem menor sombra de dúvida que todas as críticas ao MTG partem das extremas esquerdas”.

Quanto à crítica, conforme o depoimento de Cláudio Zappe:

Tem gente que pode contestar, mas ele foi criado pela força do gaúcho que conseguiu fazer com que o Rio Grande do Sul fosse uma nação, e não foi durante um ano. Foram dez anos e nós conseguimos nos emancipar e sermos uma nação, mas daí com tantos e tantos e tantos combates e perdas de pessoas, etc, etc, etc. (...) Só que o Rio Grande, o gaúcho não se entrega e por isso, ele conseguiu fazer essa nação durante aquele período e passou para todos nós esta coragem, esta força que o gaúcho tem.

No entendimento de Jaime Brum Carlos:

A contestação ao MTG parte de quem é apenas rio-grandense, e não gaúcho, essa é a diferença. As pessoas às vezes se confundem: não é gaúcho, mas claro que é gaúcho, eu cito uma pergunta que o Glênio Fagundes fez um dia, numa discussão, num debate. Se essa música nasceu aqui no Rio Grande do Sul ela é gaúcha. Cito a diferença entre gaúcho e rio-grandense. E o Glênio fez a seguinte pergunta: Se nasceu fora do Rio Grande do Sul não é gaúcho. Pode ser sim. “Se uma gata der cria dentro de um forno, nasce gato ou nasce biscoito”. (...) Ser gaúcho é um estado de espírito.

Nesse contexto, muitos fatores contribuem para que o MTG mantenha sua preservação e o culto a tradição, como por exemplo, a música inclusive dos festivais nativistas, a dança e o rodeio (esporte campeiro), cuja influência colabora para a manutenção e perpetuação do tradicionalismo. Quanto a música, ela tem o poder de influenciar devido às suas canções que retratam o campo e toda a sua conjuntura e que desperta um saudosismo às pessoas mais antigas que viveram boa parte da vida no campo e aos mais jovens desperta a admiração pela vida rural. Detendo-se na área musical, segundo Cláudio Zappe:

...através desses cantos, dessas letras maravilhosas que a gente fala sobre as belezas do Rio Grande, sobre a história que foi feita nesse Estado e então essas músicas, essas letras, elas realmente contribuem fortemente para nós mantermos acesa essa chama do nosso tradicionalismo, tanto que a cada ano no dia 20 de setembro, não está se vendo uma queda de pessoas indo aos desfiles. Ao contrário, aqui em Santa Maria que é uma cidade cultura, aqui cresce, lota a Av. Medianeira a cada ano, porque hoje a grande maioria das pessoas gosta e sabe da importância do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

E, como uma forma de resgate, os festivais nativistas é um exemplo de continuidade e persistência em divulgar as coisas do “pago” e no que se refere ao nativismo, é necessário saber que nos anos 80, como uma forma de contestação, uma espécie de conflito de gerações, em que a juventude de uma certa forma procurou imitar o Festival de Woodstock (o movimento hippie). Exemplo disso é que rotulavam como uma “careta” os CTGs, mas

estavam “curtindo” os fandangos. No entendimento de Lessa, (1985), foi nesse contexto que surgiram os nativistas com acampamentos ao ar livre, da bombacha e da alpargata, tendo como um forte precursor desse novo movimento, o gaiteiro Renato Borghetti. Batizaram-lhes de nativistas, provavelmente para não carregarem o mesmo “rótulo de tradicionalistas” assim como seus pais.

A música era a “curtição” para aquela gurizada que aos poucos freqüentavam os acampamentos de lona como a 1ª Califórnia de Uruguaiana, seguidos de tantos outros festivais pelo Rio Grande afora, como Santa Maria, Cruz Alta, Taquara, Santa Rosa, São Sepé em que as músicas se referiam sobre o “êxodo rural, a América Latina e o gaúcho do futuro”. E que contou também com o apoio da imprensa para a divulgação do nativismo. Para Lessa (1985): “O nativismo cruzou caminhos com o tradicionalismo. E recebeu aplausos. E se expandiu”.

Conforme o depoimento de Jaime Brum Carlos, “o nativismo nasceu a partir do tradicionalismo”, e de uma manifestação de revolta, porque os gaúchos queriam fazer música “e as porteiras foram fechadas”, fizeram então o festival de Uruguaiana. Segundo ele:

o nativismo nasceu exatamente para aquele espírito gaúcho que alguns compositores tinham. Isso a própria história do movimento nativista conta que eles tentaram participar de um festival no tempo dos festivais da MPB no Rio de Janeiro e as músicas não foram aceitas porque tinham um cunho de gauchismo de algumas expressões, enfim, ou algum ritmo e elas não foram aceitas ou não foram classificada dentro desse determinado festival.

De acordo com Jaime Brum Carlos, o movimento nativista cresceu rapidamente, tendo como exemplo, a Tertúlia (CTG Estância do Minuano), o Sinuelo da Canção Nativa (CTG Índio Sepé), entre outros. Foi uma forma de se afastar um pouco do MTG, que havia uma série de regras muito rígidas e que acabou afastando alguns freqüentadores, o que os levou a fazer festivais de músicas nativistas. O movimento nativista passou a ser paralelo ao movimento tradicionalista.

o movimento nativista passou também a tratar a poesia gaúcha, a nossa cultura, a colocar em cima dessas músicas, idéias praticamente saindo de uma ditadura. Final de 71, quando começou a Califórnia, e o movimento começou em 80, a gente tava louco para dizer uma série de coisas e o MTG é um movimento que nasceu na direita, ele nasceu com os filhos dos estancieiros. (...) Partiu quando nós começamos, e eu escrevi muito e tenho músicas gravadas com conotações, assim, de protesto que até pode se encaixar dentro de uma filosofia extremista, não que eu seja, mas a minha cabeça é aberta.

Conforme depoimento de Vinicius Brum, sobre o nativismo:

nos anos 80 que se consolida no segmento universitário o gosto pela então chamada música nativista (...) surge como uma contraposição à dita música regionalista de estrondoso sucesso popular, principalmente através de nomes como Teixeira e Gildo de Freitas. A Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana pode ser considerada como a matriz divulgadora dessa nova ordem.

Percebe-se, que a liberdade de expressão que nascia com as mensagens de protesto contribuiu para o nativismo se manter diferenciado do MTG e fez com que tomasse seu próprio caminho, porque dentro dos CTGs, o estatuto não permite que sejam feitas discussões abertas para debate nos temas como a política, a religião e tudo que cause divergências de idéias, enfim, pode-se considerar um movimento “apartidário”, e isso acabou limitando os “pensadores” dentro do MTG, fazendo com que se intensificasse a ânsia em produzir canções que contestassem o momento.

Jaime Brum Carlos define tradicionalismo e nativismo: “É como se fosse os dois trilhos da aviação férrea, certo? Em cima desses trilhos desliza o que? O trem da história e da cultura do Rio Grande do Sul. Em cima desses trilhos, se um deles faltar, o trem vai descarrilhar, mas agora se ele se juntar, ele se descarrilha também”. Para ele, os dois movimentos devem andar paralelos. Se os dois se unissem, o tradicionalismo por ser muito rígido, provavelmente iria tirar a “liberdade de expressão” dos nativistas e “despartidarizar” o grupo, já que o nativismo é movido pelo “aspecto econômico e pelos partidos políticos”. Ou então, o nativismo poderia “partidarizar” o MTG e isso iria gerar conflitos que sem dúvida poderia desestruturar as duas forças, pois cada uma delas seguiu por um trilho, por um caminho, mas que possuem praticamente os mesmos ideais e partilham da mesma filosofia, que é o amor e o apego ao “pago” e ao pampa.

Nesse contexto, para melhor ilustrar a questão do aspecto econômico e partidário que rege o nativismo, temos como exemplo, o Candeeiro da Canção Nativa da cidade de Restinga Seca, que é um festival nativista patrocinado pela prefeitura municipal, assim como basicamente são todos os festivais. É uma festa que contam com a presença de uma gama muito grande de artistas, como intérpretes, compositores, cantores, enfim, isso gera um fluxo econômico muito intenso e principalmente contribui para o fortalecimento da imagem do município.

Conforme o depoimento de Cláudio Zappe: “Um festival de alto quilate, ao meu ver que foi o Candeeiro da Canção Nativa que voltou em Restinga Seca e eu acompanhei as letras e os artistas, acho que foi um festival muito qualificado”. Se referindo a qualidade

das músicas que são escolhidas para o evento, pois são canções que retratam o campo e a vida rural. E que a participação das pessoas vão muito além dos integrantes do movimento apenas, mas também a participação do povo de um modo geral, porque “você faz um festival, enche de pessoas. Uma boa parte que já conhecia e já gostava e vai muita gente que ainda não conhecia e jovens que também começam a se inserir”.

Nesse universo de especificidades dentro do nativismo, para Jaime Brum Carlos, o organizador desse evento, no que se refere à influência da política, expressa que:

O Candeeiro, quando o prefeito Gaudêncio da Costa assumiu a prefeitura ele havia prometido na campanha que faria voltar o Candeeiro e era um sonho da comunidade. Quando ele se elegeu, uma das coisas que aconteceu foi isso, mas no quarto ano de mandato não iria sair o Candeeiro, mas como ele havia se comprometido nos três anos acabamos fazendo o Candeeiro para a administração do PP. E esse ano, no final do mandato do prefeito Tarciso Bolzan ele havia prometido o candeeiro na sua campanha e ia vencer os quatro anos e não tinha Candeeiro. Mas saiu o Candeeiro para o PMDB. Ou tu acha que algum dos dois prefeitos fez o Candeeiro por amor a cultura rio-grandense, ou você acha que o Minuano de Santa Maria sai porque o prefeito Valdeci adora nativismo? É um festival da prefeitura (...)

E ainda complementa dizendo que: “O tradicionalismo não é das prefeituras, é do povo, com restrições, sem restrições, com radicalismo, sem radicalismo.(...) O nativismo não tem raízes, é um galho do tradicionalismo”.

É necessário perceber que o movimento nativista colaborou para que a juventude voltasse a frequentar os CTGs, pois com o surgimento dos festivais na década de 80, a “gurizada” achava magnífico ir acampar nessa festa de lona mesmo sem entender direito qual era o objetivo do evento. Para eles, o “ser gaúcho” se resumia a tomar chimarrão, se reunir com os amigos, usar as “pilchas” e apreciar as músicas. Para Jaime Brum Carlos: “Uma das grandes obras do nativismo foi ter trazido a juventude para dentro do CTG, para tomar mate pelo menos. As antigas cidades de lona foi que trouxe a juventude para dentro dos CTGs, do movimento”.

De acordo com Lessa (1985), entende que o nativismo foi a mais nova “fase do gauchismo” e como influência, gerou um novo tipo de segmento na sociedade sul-rio-grandense, que aderiu a roda do fogo de chão, o chimarrão, aos bailes, o churrasco, o cavalo, a música regionalista, numa mistura de “culto aos antepassados, tradicionalismo, nativismo”, e conforme o ambiente, a faixa etária e as circunstâncias que está se vivenciando, predomina um ou outro desses aspectos. Para ele, o nativismo foi uma renovação cultural nos festivais gaúchos que mesmo assim, o movimento nativista foi considerado apenas “modismo” por alguns.

Mas foi tão intensa essa movimentação que abriu novos caminhos para a música em que houve a consagração de inúmeras canções e no que se refere ao modismo, no depoimento de Cláudio Zappe, esse foi justamente um motivo pelo qual a Rádio Nativa FM de Santa Maria optou por tocar músicas nativistas, por considerá-las que não seria apenas um modismo passageiro. Para ele:

...nós tínhamos então que estudar um segmento para nós. A Nativa. E espelhamos na primeira que entrou no Estado, a Rádio Liberdade, inspirados na qualificação dessas letras e das músicas. Achemos que essa rádio poderia ter em Santa Maria e na nossa região e nós não queríamos ter uma rádio que fosse um modismo. (...) Nós tínhamos que encontrar um segmento, e nós achamos que esse segmento não seria de momento, nós queríamos uma coisa que permanecesse pra não haver o troca troca que houve muito em emissoras de rádio. Então optamos por esse segmento que ele se vá campo a fora, por isso que a gente escolheu esse segmento.

De acordo com Jaime Brum Carlos, também considera que nativismo seja “movido pelo aspecto econômico”. Para ele, os artistas mais jovens estão fazendo bons trabalhos pelo Rio Grande nos inúmeros festivais em que participam, mas ele acredita que a qualidade das músicas que estão sendo escritas, a grande maioria fala de campo, não estão tendo a profunda vivência do meio rural. Os compositores lêem, pesquisam, ouvem outras canções, mas falta o conhecimento de ter “vivido” o galpão, de ter “vivido” as tropeadas, de ter mateando junto dos tropeiros. Portanto, “o que acontece é que ele não é mais eminentemente cultural”, e que se difere do tradicionalismo. As músicas estão deixando de ter um cunho cultural e educativo nas letras. Estão tomando um rumo mais comum e segundo ele:

dias eu fiz um comentário com os colegas do júri de um festival, eu dizia: “Mas como esses poetas tomam mate nesse Rio Grande”. Geralmente as músicas começam “matendo”, “tomo meu mate não sei aonde”, “cevo o mate no sei pra que”, a coisa ficou assim. Nós, os antigos poetas tínhamos a vivência do campo, do dia a dia do campo e a gente escrevia campo. Tive a felicidade de me criar no campo, era filho de capataz de fazenda, sabia tudo de campo, e fui fazer a faculdade e passei a conhecer o aspecto urbano da coisa.

Nessa perspectiva de entender o movimento tradicionalista e o movimento nativista nota-se que é uma tarefa que exige maior compreensão, pois são dois grupos que se complementam e as vezes se confundem. Um fica atrelado aos CTGs e o outro utiliza os ginásios de esportes pelo Rio Grande afora, que viram cenários para os festivais. O tradicionalismo gaúcho é um movimento organizado com uma estrutura hierárquica muito rígida, no qual há uma questão humana intrínseca em que possui um presidente na capital, os coordenadores nas diversas regiões tradicionalistas e os patrões dos CTGs. Há cidades que

possuem a Associação das Entidades, cujo presidente tem sua posição hierárquica estabelecida entre o patrão e o coordenador. Também percebe-se uma rigidez quase militar no tradicionalismo no que se refere a indumentária.

O nativismo, ao contrário, não é uma entidade e sim um movimento cultural e que a união está na identificação pessoal e sua semelhança na produção artística de seus membros. Os líderes se resumem apenas nos artistas e nos organizadores dos festivais, sendo que não há uma hierarquia estabelecida entre eles. Pode haver diferença organizacional entre eles, mas há semelhança sentimental, pois ambos sustentam seus discursos ideológicos no amor ao “pago”, ao pampa sul-rio-grandense.

Tradicionalismo e nativismo cantam as belezas da querência, usam indumentária típica, demonstram cada um do seu jeito, o amor pelo Rio Grande do Sul. Ambos são responsáveis pelo crescimento da auto-estima do povo sulino e grandes propulsores da economia estadual. Conforme a crítica, acusam o tradicionalismo de serem responsáveis pelo saudosismo cultural cristalizado e o nativismo de deturpar a cultura gaúcha, porém os que compreendem a expressão da cultura, visualiza um somatório do poder cultural que esses dois movimentos proporcionam e representam para o engrandecimento do povo gaúcho. Juntos mobilizam milhares de pessoas. Dentro dos CTGs é considerado o local de fuga do individualismo dos grandes centros urbanos, pois as pessoas buscam reencontrar o sentimento de coletividade no grupo.

Dentro da cultura gaúcha à possibilidade de gerar um encontro de familiar. A frequência nos CTGs, nos rodeios e festivais normalmente os indivíduos que participam se encontra até três gerações. Há um incentivo familiar e a sociabilidade familiar tem sido um dos maiores problemas do mundo na atualidade e na cultura gaúcha vem se apresentando como um ponto de apoio importante e fundamental.

Nesse contexto, é possível perceber a importante influência que o MTG traz para a sociedade e principalmente para a juventude, pois ele consegue agregar num mesmo ambiente até três gerações. Não podemos negar o quanto o MTG traz benefícios no que se refere a família, porque ela tem como base fundamental para a preservação da tradição gaúcha. Para Jaime Brum Carlos: “o que continua sendo a célula do MTG é a família. (...) A maior contribuição do MTG para a sociedade é a manutenção da família. Para a juventude, ela vem de dentro da família, automaticamente recebe o mesmo benefício”.

Dentro do MTG, a participação de toda a família é visível principalmente nos rodeios em que é uma disputa e vemos num mesmo trio de laço o avô, o pai e o neto laçando juntos, tanto que criaram outra modalidade de laço que é “pai e filho”, com o objetivo de unir

cada vez mais. E, seguidos dos acampamentos, juntos com suas esposas e filhos, todos se reúnem ao entardecer para a roda de chimarrão e o entretenimento entre as pessoas em que todos se visitam, afinal, em um rodeio participam pessoas de diversas cidades gerando um círculo de amizade muito grande entre todos. Mal clareia o dia e os participantes já estão de pé, prontos para o início das provas campeiras, que inclui a prova de laço, de rédeas, de estafeta, a prova do couro, a tômbola musical, mas sua maior preocupação é levantar cedo para alimentar seu fiel amigo, o cavalo.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que a vida campesina, o apego ao cavalo, os bailes e todo o conjunto que dá forma ao movimento tradicionalista se destaca a cada ano que passa. Vinícius Brum, responsável pelo Acampamento Farroupilha no Parque da Harmonia em Porto Alegre, resalta a importância do tradicionalismo e o sentimento que ele traduz trazendo o campo para a cidade. Segundo ele:

a gauchada mais uma vez faz surgir do solo generoso do Parque da Harmonia em Porto Alegre um acampamento feito de madeira e amor a terra. Os galpões vão sendo erguidos e o tempo parece acomodar todas as eras num mesmo átimo. A paisagem rural que parecia perdida para sempre nos longínquos séculos que se foram, maravilhosamente ressurgem bem no centro ensandecido da metrópole. Estão de volta os pingos, os bolichos, os fornos de barro, as longas charlas ao pé do fogão. E botas, bombachas, chapéus e ponchos que são casas. As prendas de flor no cabelo e sedas no olhar desfilam seu encanto que parece inspirar a primavera. A peonada se reconhece em cumprimentos largos e retemperam os sentimentos que a saudade embalou durante o ano. O campo está vivo. O interior pulsa na capital.

Para Jaime Brum Carlos, no que se refere ao homem rural, envolvido com o cavalo e com a lida campeira, principalmente o jovem, considera-o como uma pessoa muito mais “tratável”, educada, e que o MTG é o único segmento da sociedade que pode proporcionar-lhe esse benefício, para ele:

São pessoas que ainda tem aquela “finesse” do cavalheirismo, eles levantam e apertam a mão, não tem vergonha de cumprimentar as pessoas, de tirar o chapéu para dizer “bom dia”, “boa tarde”. Se eles estão sentados numa barraca em um acampamento e chegar outra pessoa, se levanta e se oferece a cadeira, “tenha bondade, sente”.

Entende-se que através do movimento nasce uma integração mais consistente entre as famílias, porque além do convívio nos rodeios, muitas outras convivem dentro dos CTGs, através dos filhos que participam do grupo de danças, ou de laçar pela mesma entidade, enfim, sem contar que a condição sócio-econômica fica mais fortalecida, porque gera uma fonte muito grande de empregos. A maioria deles é gerada na área campeira, como os tratadores de cavalos, os domadores, os proprietários do gado que corre no rodeio, a equipe

de sonorização, os narradores de rodeio. E, nos CTGs contamos com os grupos musicais que embalam as noites na semana farroupilha.

Nessa reflexão sobre a importância do MTG, conforme Cláudio Zappe:

Mas há um ponto muito forte dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho que ele ensina desde pequeno os jovens a dançar, a gostar e aí o jovem se espelha no pai. Mas o pai usa bombacha, também vou usar. E depois o pai vai embora desse mundo, mas o filho já aprendeu a botar a bombacha. Já quer usar sua bota, então o Movimento Tradicionalista Gaúcho tem esse detalhe, ele vai passando de pai para filho e ele cresceu e vai continuar crescendo, tenho a certeza, porque cada vez mais partes da população estão inseridas nesse amor ao Rio Grande.

Na percepção de Brum (2006), baseando seu entendimento ao ideal do MTG, no que se refere o culto dos tradicionalistas aos antepassados, é inspirado no principal “modelo de virtude” do homem guerreiro, que para isso gerou uma identidade regional, um espírito de exaltação de uma região dentro de uma nação:

Os tradicionalistas se consideram herdeiros de seus antepassados e se propõem a continuar uma história gloriosa ao se identificarem e produzirem representações do verdadeiro gaúcho em suas danças, cantos, poesias, desfiles, bailes, cavalgadas, por exemplo. Assim se referem ao movimento como um espaço que preserva valores deste passado como a honra, a família, a honestidade, a palavra dada como empenhada, retratadas ao mencionar falas de heróis, nas cores dos lenços visando estabelecer uma continuidade com antepassados ilustres. (p.56)

Brum (2006) ainda explica que apesar da luta do Índio Sepé Tiaraju ao se opor as duas metrópoles, também por Bento Gonçalves ter sido um revolucionário que lutou pela valorização econômica do charque sulino ao charque platino, poderíamos caracterizá-los como “heróis” separatistas e revolucionários. Mas o MTG é calcado nas bases de um movimento cujo objetivo é de afirmação regional, portanto, “a apropriação não se dá em razão do ato revolucionário, ou mesmo da atuação do herói, mas pela simbologia contida na menção que é uma comemoração, anulando contradições em que o passado sofre uma espécie de pasteurização no cenário tradicionalista”. (p. 57)

Pode-se atribuir ao movimento a mistura de elementos paradoxais, como o tradicional e o moderno, o campo e a cidade. O MTG se preocupa tanto em nível de instituição ou organização, mas especialmente como uma realidade social enquanto movimento. Com a expansão dos CTGs, pelo Rio Grande e também fora dele, adquiriu um elevado grau de aceitação social, necessitando de uma explicação sobre o seu sentido e o alcance de sua trajetória. Na verdade os fundadores não inventaram, mas apenas identificaram os valores da tradição e procuram organizá-la como um movimento. O tradicionalismo é um

movimento que se caracteriza para identificar os valores da tradição inseridos no plano da cultura da sociedade Rio-Grandense com o intuito de preservar, difundir e organizar.

Lessa (1985) diz que: “Prestigiando as tradições gaúchas e prestando assistência moral e social ao homem do campo, estará convencendo o campesino da dignidade e importância de seu status”. (p. 84)

CONCLUSÃO

Neste estudo, demonstramos que o tradicionalismo gaúcho, mesmo sendo tão criticado no decorrer de sua existência, ele sobrevive a várias décadas, permitindo que tanto as gerações que já passaram quanto as que cultuam o movimento, possam ter a vivência da identidade cultural inventada do Rio Grande do Sul. A semente lançada em 1948 nasceu com o intuito de valorizar o Rio Grande, surgiu como uma espécie de manifestação, de protesto aos “modismos” que estavam “interferindo” no comportamento dos gaúchos e que buscavam espaço e público para novas culturas, por isso, foi necessária a ousadia em expressar os sentimentos vindos do campo, como uma forma determinante para a formação da cultura gaúcha.

Através da apresentação desses argumentos, avalia-se o MTG em toda a sua conjuntura e nota-se a importância que possui na sociedade gaúcha, pois movimenta milhares de pessoas que permanecem engajadas no mesmo ideal, com o propósito de preservar a tradição gaúcha e tudo o que ela vem representando através dos usos e costumes idealizados através do modo de vida rural, do homem campeiro e da lida do dia-a-dia, refletidos no mundo escrito por Simões Lopes Neto e nas canções gaúchas. Através disso, surgiu um povo diferenciado, com uma identidade reconhecida e valorizada.

Nesse contexto, vale destacar que a crítica se processa porque o tradicionalismo defende e mistifica os “heróis” da Revolução Farroupilha, já que são considerados pelos intelectuais como oportunistas que defenderam seus próprios interesses econômicos e políticos. Mas, o importante é que o MTG pretende, acima de tudo, não é reviver a violência da guerra e nem levar a violência para dentro dos CTGs, mas sim, destacar um diferencial deste povo, que foi o ímpeto de coragem e de bravura de homens que travaram uma batalha contra o Império do Brasil, num misto de ousadia, de resistência e de valentia.

Nessa estrutura política, sabe-se que a Revolução Farroupilha não trouxe nem vencedores e nem vencidos, mas fez concretizar um modelo de homem guerreiro o qual fez

perpetuar o mito do “herói” que luta por um ideal. E, firme neste propósito, os idealizadores do tradicionalismo aglomeraram um conjunto de fatores que foram suficientes para transformar os usos, os costumes, as canções e os valores identificados no ambiente rural e que trouxeram para a capital Porto Alegre, o grande centro urbano, um “pedaço” do campo para matarem a saudade do “pago”.

A questão fundamental a ser salientada nesse processo, com relação ao mito do gaúcho, possibilita percebermos o resgate dos valores morais que estão sendo preservados dentro do MTG e principalmente a união da família. Há referências sobre tais condutas no decorrer das entrevistas e são manifestados pelos entrevistados o apreço ao movimento, pois são pessoas de alto gabarito e grande importância na divulgação da cultura gaúcha. Divulgam o tradicionalismo num gesto de admiração e manutenção do movimento, pois vivenciam esses momentos e destacam com maior ênfase o valor da família.

Todas essas observações enfatizadas no decorrer do trabalho dizem respeito a um passado que considera-se glorioso. Claro que com suas especificidades, mas que é comemorado no presente. Percebe-se que não há unanimidade em sua interpretação enquanto evento ocorrido no passado, portanto, entendem que não há motivos para a existência do MTG e por isso ocorre a desconstrução em massa desse acontecimento e por consequência a idéia da criação de uma identidade falsificada.

Nessa perspectiva, buscamos interpretar a evolução do tradicionalismo gaúcho, mesmo mesclado à crítica, mas que com a colaboração de pessoas que vivenciam o movimento entendemos que o MTG sobreviverá por muito tempo ainda, pois foi alicerçado em uma base profunda, adquiridos através da seriedade das pessoas envolvidas e que sentem apego a vida campeira, justificada na formação da identidade cultural do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA:

BARCELLOS, Ramiro Frota. **Rio Grande, tradição e cultura.** Edições Flama, 1970.

BRUM, Ceres Karan. **“Esta terra tem dono”:** Representações do passado missioneiro no **Rio Grande do Sul.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

BOSI, Alfredo. **O Pré-Modernismo.** São Paulo, Cultrix, 1966.

CARTA DE PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA, redigida por Glaucus Saraiva e aprovada no 8º Congresso de Taquara, em julho de 1961.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura.** Porto Alegre, Mercado Aberto. 1982.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia?** 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COLETÂNEA DA LEGISLAÇÃO TRADICIONALISTA. Coordenação de Paulo Roberto de Fraga Cirne. 3ª edição. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2003.

CÔRTEZ, J. C. Paixão. **Tradição e Folclore Gaúcho.** Excertos jornalísticos, 1981.

FIGUEIREDO, Joana Bosak de. **A tradução da tradição: Gaúchos, Guaxos e Sombras.** Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS. Porto Alegre, 2006.

FLORES, Moacyr. **Gaúcho: História e Mito.** Porto Alegre, 2007.

GOLIN, Janaína da Rocha. **Divergências e Traições entre as lideranças Farroupilhas: A partir da documentação do Barão de Caxias no período de 1842 à 1845.** Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na UFSM, 2007.

GOLIN, Tau. **O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades.** Passo Fundo: Ediupf. 3ª edição. 2004.

_____. **A ideologia do Gauchismo.** Porto Alegre, Tchê: 1983.

_____. **Bento Gonçalves: O herói ladrão.** LGR Artes Gráficas Ltda. Santa Maria, 1983.

GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (Coords). **Nós, os gaúchos**. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

JACOBUS, André Luiz. **A questão étnica como fonte de tradicionalismo**. Monografia de conclusão da disciplina Sociedade e Cultura no Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1985.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo: Um fenômeno social gaúcho**. L&PM Editores. 1985.

_____. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Província de São Pedro, 20, Globo, 1955.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil nação**. Petrópolis, Vozes, 1999.

PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação da UFRGS. Porto Alegre. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Mercado Aberto, 1980.

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho: Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata**. Porto Alegre. L&PM. Pocket. 2002.

SALAINI, Cristian Jobi. **“Nossos heróis não morreram:” Um estudo antropológico sobre formas de “ser negro” e de “ser gaúcho” no Estado do Rio Grande do Sul**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em antropologia social. Porto Alegre, 2006.

TELLES, Jorge. **Farrapos: A guerra que perdemos**. 2ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2004.

Manifesto contra o tradicionalismo: Disponível em:
http://docs.google.com/Doc/a=w.aa/x&sqw_&iiiia. Acesso em 12 de novembro de 2007.

Sociólogo Cristóvão Feil. Disponível em
(www.jornalismocultural.com.br/reportagem/sergaucho.htm. Acesso em 01 de junho de 2008)

ANEXOS

Entrevista realizada no dia 10 de julho de 2008 com o Sr. Jaime Brum Carlos, natural de Cachoeira do Sul/RS, reside atualmente em Restinga Seca/RS, é médico veterinário, formado pela UFSM em 1974 e exerce a profissão na Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul – Inspeção Veterinária de Restinga Seca/RS. É poeta, Escritor, Apresentador e Declamador. Sua infância e adolescência no campo justificam o seu grande conhecimento e experiência quando compõe e escreve suas obras. Seu início no MTG se deu por volta de 1975. Em 1983 lançou o livro de causos “A seca da Restinga”. Sua participação nos festivais nativistas teve início nos anos 80. Desde então passou a fazer parte de LPs e CDs, como poeta e compositor, de praticamente todos os festivais do Estado, com premiações desde música mais popular, melhor tema campeiro a diversos primeiros e segundos lugares como no Sinuelo da Canção Nativa (São Sepé), Tertúlia Nativista (Santa Maria), Aparte da Canção (Cachoeira do Sul), Semeadura da Canção Nativa (Tupaciretã), Carijó da Canção Gaúcha (Palmeira das Missões), Coxilha Nativista (Cruz Alta), Grito do Nativismo (Jaguari), Tafona da Canção (Osório), entre outros. Possui cerca de 400 músicas gravadas e em 1989 lançou o LP “Sonhos ao Vento”, em 1996 compôs o pema “É Natal Tchê” gravada por Wilson Paim. Em 1996 lançou o CD “Os românticos” que comprova seu dom como declamador. Em 2001 lançou o CD “Proseando com Deus”, de cunho religioso onde recita poemas de sua autoria e de amigos com trilhas musicais de Nelcy Vargas. Participa como jurado de Rodeios e Concursos Artísticos realizados pelo MTG tanto no Estado quanto nos demais Estados da Região Sul. No Rio Grande do Sul e outros Estados é destaque também ao apresentar festas campeiras e Rodeios como o Rodeio Internacional de Vacaria, Osório, Tramandaí, Julio de Castilhos, Passo Fundo, do Cone Sul em Santa Maria e ainda do FEGAMS nas cidades de Dourados, Rio Brillante e Maracujá no Mato Grosso do Sul, além de Rodeios Nacionais e Estaduais em várias regiões do Rio Grande do Sul. Atualmente ocupa o cargo de secretário do Departamento dos Narradores do MTG e preside a Associação Cultural Tradicionalista de Restinga Seca, entidade promotora e organizadora de eventos como Encontro de Declamadores sem Fronteiras realizado nos anos de 2002 e 2003 e também o Candeeiro da Canção Nativa.

Pergunta: Faça uma distinção entre tradicionalismo e nativismo.

Resposta: De início, para nós iniciar falar de Tradicionalismo e Nativismo, a de se pensar primeiro que o Nativismo nasceu a partir do tradicionalismo. Aliás o nativismo nasceu exatamente para aquele espírito gaúcho que alguns compositores tinham. Isso a própria história do movimento nativista conta que eles tentaram participar de um festival no tempo dos festivais da MPB no Rio de Janeiro e as músicas não foram aceitas porque tinham um cunho de gauchismo de algumas expressões, enfim, ou algum ritmo e elas não foram aceitas ou não foram classificadas dentro desse determinado festival. Esses compositores como Comar Duarte e outros de Uruguaiana baseado naquele espírito de revolta, que geralmente nascem a partir de uma revolta. Não uma revolta armada, enfim, a partir de um descontentamento comunitário dentro do povo. Assim como a Revolução Farroupilha, como foi tantos outros, sempre houve, e eles resolveram fazer um festival para os gaúchos e fizeram a Califórnia de Uruguaiana. E esses Uruguaianenses, não sei dizer exatamente os nomes, não me recordo, mas Comar Duarte era um deles, um poeta com a cabeça bastante aberta e que participou, fez e escreve até hoje, músicas, poemas, que podem ser musicados e cantados no mundo inteiro, então assim, o movimento nativista nasceu por esse espírito de gauchismo para começar. Ele nasceu porque os gaúchos queriam fazer música e as porteiras foram fechadas. Nasceu onde? Dentro de um CTG, no Sinuelo do Pago, parece-me que é esse o nome, daí nasceu a

Califórnia e foi acontecendo, acontecendo e dez anos depois, o movimento nativista cresceu porque veio a Tertúlia dentro do Estância do Minuano, veio o Sinuelo da Canção Nativa dentro do Índio Sepé CTG e assim por diante. Então o Nativismo, na verdade, ele é oriundo do Movimento Tradicionalista, só que o movimento nativista, por duas razões ele acabou passando a ser um movimento não interno, mas sim paralelo do movimento tradicionalista. Exatamente aquela série de regras mais rígidas que existe dentro do MTG, os nativistas começaram a se afastar um pouco e começaram a fazer festivais. Outras pessoas com outras cabeças fazendo festivais e um outro detalhe muito interessante, o movimento nativista passou também a tratar a poesia gaúcha, a nossa cultura, a colocar em cima dessas músicas, idéias praticamente saindo de uma ditadura. Final de 71, quando começou a Califórnia, e o movimento começou em 80, a gente tava louco para dizer uma série de coisas e o MTG é um movimento que nasceu na direita, ele nasceu com os filhos dos estancieiros. Então, eu vejo e entendo que a coisa partiu daí. Partiu quando nós começamos, e eu escrevi muito e tenho músicas gravadas com conotações, assim, de protesto que até pode se encaixar dentro de uma filosofia extremista, não que eu seja, mas a minha cabeça é aberta. Já fui contestado, já fui citado até no livro do Tau Golin por ter escrito uma música com idéias, quando eu dizia que “para quem quer trabalhar, o pampa não tem fronteiras”, essa é a frase que ele não admitiu. Ou “não tem cancelas”. Uma das coisas que eu coloquei é que para quem quer trabalhar o pampa não tem fronteiras e a extrema esquerda sempre diz que para o peão não tem lugar no campo. A minha visão de quando eu escrevi essa música é a seguinte, que a Legislação Trabalhista tirou o peão do campo porque deu pseudos direitos demais, que hoje não se pode mais manter alguém no campo. Esse é um detalhe, outro detalhe é que eu deixei bem claro: pra quem quer trabalhar, pra quem quer emprego não tem lugar. Assim como eu tenho músicas minhas que falam fortemente do protesto de determinadas atitudes direitistas, quando era modismo a gente falar desse tempo e então acho que em função disso o movimento nativista criou um rumo próprio e se afastou mais do MTG, porque dentro dos CTGs, o próprio regulamento de princípios, seu nascedor, ele não permite discussões político religiosas e isso eu acho que limita demais. Eu acho que deve deixar as pessoas discutir. Eu acho que não deve ser permitido que se partidarize uma patronagem, por exemplo. Claro que existem determinados municípios que a coisa é tão forte que os CTGs se fundam a partir de partidos, e temos exemplo nosso, não é segredo para ninguém que o Piquete Peão do Pago de Formigueiro foi fundado a partir do momento que um dos líderes, no caso do MDB da época (...) se desentendeu politicamente com os líderes do PP que eram da ARENA, do CTG. Coxilha Verde. Isso só é um exemplo, mas existem enes no Estado. Essas coisas são muito raras, mas diante dos quase dois mil que existem você não encontra cinco com esses problemas, eu acho. (...) Tudo que eu estou dizendo, tu podes citar nomes, cidades, entidades, só não nomes de pessoas que já faleceram porque eu não gosto disso. Mas Agudo já existe, mas agora já não é tanto, mas houve períodos em que havia a disputa se um iria de patrão o outro já tirava o time, por causa do bipartidarismo. Havia uma certa divisão sim. Aliás, o MTG continua sendo um movimento ainda pelo menos, apartidário. Hoje eu vejo assim, o nativismo e o tradicionalismo eu diria assim, não é minha essa frase, mas gosto muito de citar: “É como se fosse os dois trilhos da aviação férrea, certo? Em cima desses trilhos desliza o que? O trem da história e da cultura do Rio Grande do Sul. Em cima desses trilhos, se um deles faltar, o trem vai descarrilhar, mas agora se ele se juntar, ele se descarrilha também”. Essa é a minha visão de tradicionalismo e nativismo. Eles tem que andarem paralelos, não podem mais se juntar, porque ou o movimento tradicionalista vai querer despartidarizar e tirar a liberdade de expressão do movimento nativista e o MTG é mais rígido nisso, ou então, o nativismo vai querer pardidarizar o MTG e também não vai dar certo. O nativismo hoje é muito mais movido pelo aspecto econômico e pelos partidos políticos. Mas já não existe uma preocupação muito grande com a parte cultura, explicativa e educativa nas letras do

movimento cultural hoje, e se tu analisares as letras hoje tomam um rumo mais comum. Esses dias eu fiz um comentário com os colegas do júri de um festival, eu dizia: “Mas como esses poetas tomam mate nesse Rio Grande”. Geralmente as músicas começam “matendo”, “tomo meu mate não sei aonde”, “cevo o mate no sei pra que”, a coisa ficou assim. Nós, os antigos poetas tínhamos a vivência do campo, do dia a dia do campo e a gente escrevia campo. Tive a felicidade de me criar no campo, era filho de capataz de fazenda, sabia tudo de campo, e fui fazer a faculdade e passei a conhecer o aspecto urbano da coisa. Essa rapaziada mais nova está fazendo bons trabalhos, mas eles se preocupam em escrever campo sem o conhecimento do campo e eles lêem, eles pesquisam, ouvem músicas e tal, mas não tem aquela vivência, não tem aquele “feeling” do campeiro que viveu o galpão, viveu a tropa, toma o mate com os tropeiros, então o que acontece é que ele não é mais eminentemente cultural. É também político e vou citar o nosso Candeeiro. Queres ver uma coisa de como ele é político e partidário e isso não é um privilégio, aliás, de Restinga Seca. O Candeeiro, quando o prefeito Gaudêncio da Costa assumiu a prefeitura ele havia prometido na campanha que faria voltar o Candeeiro e era um sonho da comunidade. Quando ele se elegeu, uma das coisas que aconteceu foi isso, mas no quarto ano de mandato não iria sair o Candeeiro, mas como ele havia se comprometido nos três anos acabamos fazendo o Candeeiro para a administração do PP. E esse ano, no final do mandato do prefeito Tarciso Bolzan ele havia prometido o candeeiro na sua campanha e ia vencer os quatro anos e não tinha Candeeiro. Mas saiu o Candeeiro para o PMDB. Ou tu acha que algum dos dois prefeitos fez o Candeeiro por amor a cultura rio-grandense, ou você acha que o Minuano de Santa Maria sai porque o prefeito Valdeci adora nativismo? É um festival da prefeitura e se der uma virada de a prefeitura passar para a administração que não seja o PT ou coligação, provavelmente o Minuano não sai. De repente, pode voltar a Tertúlia de Santa Maria se o PP assumir. Porque a Tertúlia é feita pelo CTG Estância do Minuano, então supostamente por pessoas mais da direita. O tradicionalismo não é das prefeituras, é do povo, com restrições, sem restrições, com radicalismo, sem radicalismo. Tem que melhorar? Tem. É novo, tem cinquenta e poucos anos. O Cristianismo tem quantos anos? E ainda é contestado. O nativismo não tem raízes, é um galho do tradicionalismo. Eu ajudo e participo dos CTGs, faço parte da diretoria dos narradores, sou olhado meio enviezado por alguns líderes do MTG, justamente porque eu contesto. O MTG não gosta de ser contestado e eu contesto e a relação muitas vezes com quem tem o poder de liderança, até porque eu tenho uma formação nativista também e eu acho que a coisa fica meio complicada. Eu trabalho no MTG mais como narrador, mas quero continuar sendo tradicionalista, não vou deixar de ser e essa tradição tem que ser mantida, tem que ser cultuada, porque ela tem a tradição do homem do campo. (...) O MTG é uma coisa que eu debato sempre é que o próprio nome já diz: Movimento. Ele não pode estagnar, estagnou, deixou de ser movimento. O movimento tem evoluído e nas últimas duas décadas evoluiu e muito. Não é mais tão radical, só que a maioria das pessoas que criticam o MTG não conhece o MTG na sua forma mais intrínseca. Ele tem valor, mas ele está evoluindo tanto que tu és uma cavalariana. Dez anos atrás tu poderias botar uma bombacha? Não, porque seria excomungada. Então ele evolui.

Pergunta: No seu entendimento, as pessoas pela qual participam do movimento de uma forma direta ou indireta, você acha que elas conhecem os fatos históricos que levaram a criação do MTG, ou apenas participam porque simplesmente gostam da tradição em todo o seu contexto (música, dança, indumentária, costumes) ou você ainda tem uma terceira opinião?

Resposta: Existe aquele grupo de pessoas que está no movimento, na qual eu me incluo, e que praticamente nascemos com ele. Então a gente conhece o movimento, porque eu tinha 11 anos e declamava no CTG Coxilha Verde, nasci junto com o Coxilha Verde, é o meu

berço, então eu conheço toda essa história, essa evolução dos CTGs. Eu acompanhei no MTG e teve uma fase bastante difícil, porque o homem é fruto do meio, então, nos anos 60, quando surgiu a jovem guarda, foi um movimento fortíssimo quando surgiu Roberto Carlos, Erasmo, Vanderléia, Silvinha. (...) Eu mesmo me afastei dos CTGs, do movimento e aquele período o MTG realmente ficou muito fraco, as pessoas se afastaram, os jovens eram muito poucos no CTG porque era coisa de grosso usar bombacha. Eu ia para fora e andava a cavalo, lá eu era gaúcho e quando voltava para Santa Maria, procurava nem tocar no assunto, tudo isso aconteceu quando o movimento enfraqueceu e junto com isso entrou a televisão. O Roberto Carlos entrava todo dia dentro da tua casa sem pedir licença. A música gaúcha tocava lá pela madrugada. Com os festivais, os jovens achavam bonito ir acampar na cidade de Iona da Califórnia, tapado de cerveja e fazer festa. Tu chegavas nesses festivais era lindo de ver a gurizada não sabia muito bem o que estava fazendo ali, mas todo mundo de chapéu na cabeça e cuia na mão, isso era ser gaúcho. No início dos anos 80 quando explodiu e começam a voltar para dentro dos CTGs, as internadas artísticas foram tendo mais força e as internadas foi trazendo a juventude, começaram os rodeios lá pelos anos 70. As pessoas de menos de 30 ou até 40 anos entraram no movimento porque era bonito ou porque era interessante ou porque era festa. Uma das grandes obras do nativismo foi ter trazido a juventude para dentro do CTG, para tomar mate pelo menos. As antigas cidades de Iona foi que trouxe a juventude para dentro dos CTGs, do movimento.

A intenção daquela gurizada que criou e que começou o MTG, a história do fogo de chão, a semana farroupilha, a intenção deles na verdade era viver na cidade o pouco daquilo que eles tinham deixado lá. Só que esses estudantes em 1940 e poucos, como é que eles iriam todo final de semana para São Gabriel, Camaquã, para viver o campo. Eu entendo, porque eles criaram uma fazenda para eles, eles já tinham uma fazenda interior, mas eles tinham que materializar aquela coisa, todos eles. E acabou dando certo, depois, baseado nisso, se criou o movimento. Eu não vejo que o MTG queira contar a história do Rio Grande do Sul, contar a história da Revolução Farroupilha. Ela é um fato na qual eles se inspiraram, a gente se inspirou pra ter um ponto de partida, mas ninguém tem a pretensão de que o movimento seja o retrato fiel da história do Rio Grande do Sul. Isso não existe, só pensa assim quem não conhece o MTG, porque na verdade o que a gente procura perpetuar ou que permaneça são os costumes das pessoas. Antes da Revolução Farroupilha e depois dela o homem continuava andando a cavalo, tomando mate, o homem continuava laçando, o homem continuava dançando. Não nos fandangos, mas nos bochichos, nos bailes de família. Foi isso que a gurizada quis levar para dentro da cidade e conseguiu com seus hábitos. Não levaram lança nem facão para brigar, para mostrar que eram gaúchos. A Revolução Farroupilha é um fato histórico inegável que aconteceu, tem os seus valores. Resolveu os problemas? Não resolveu. Mas o grande problema que motivou foi um movimento revolucionário por interesses particulares. Como todos os movimentos políticos são ninguém entra na política por ideologia, entra para ganhar dinheiro, para se beneficiar. Ninguém faz uma revolução por ideologia. Bento Gonçalves entrou para defender o preço do charque dele, e que é um direito que ele tem, assim como os arroteiros vão para a beira da estrada querendo que melhore o preço do arroz. Isso é óbvio, só que hoje ninguém pega em armas, graças a Deus. Os impostos, o lucro ia todo para o poder central e voltava uma migalha para cá. Como até hoje acontece. O movimento foi por interesse particular, mas serviu pra que? Serviu pelo menos para mexer com os brios de um povo que tem até hoje orgulho desse brio, de um Estado desse tamanho, contra o Brasil, um país continental contra o Império todo. O que ficou e o que a gente procura incutir na cabeça do povo gaúcho, e o gaúcho baseado também nisso e por ter orgulho de ser gaúcho é que enriquece. Hoje Mato Grosso, Paraná, Goiás são ricos, esse Brasil todo tá enriquecendo porque na agropecuária tem ali um gaúcho comandando. Isso é fruto semeado naquela revolução, que deu orgulho de defender o que é da gente. A gente que

já teve oportunidade de sair para fora, o nosso estilo, o nosso tipo, é muito mais respeitado. E outras experiências que você entra em certos lugares de bota e de bombacha, você é olhado com certo respeito. Não tenho dúvida. A contestação ao MTG parte de quem é apenas rio-grandense, e não gaúcho, essa é a diferença. As pessoas às vezes se confundem: não é gaúcho, mas claro que é gaúcho, eu cito uma pergunta que o Glênio Fagundes fez um dia, numa discussão, num debate. Se essa música nasceu aqui no Rio Grande do Sul ela é gaúcha. Cito a diferença entre gaúcho e rio-grandense. E o Glênio fez a seguinte pergunta: Se nasceu fora do Rio Grande do Sul não é gaúcho. Pode ser sim. “Se uma gata der cria dentro de um forno, nasce gato ou nasce biscoito”. Então tem muita gata dando cria no Rio Grande do Sul que não é gaúcho, mesmo nascendo aqui vai ser biscoito a vida inteira, ou vai ser gato a vida inteira. Ser gaúcho é um estado de espírito.

Pergunta: Para você, qual é a importância do movimento para a sociedade e principalmente qual é o benefício para a juventude?

Resposta: Para a sociedade o MTG traz de benefício, primeiro o aspecto sócio cultural. As pessoas que vivem o MTG são pessoas sociáveis, e aos poucos vão adquirindo um conhecimento. A maioria não conhece, mas depois vai conhecendo. Dentro da sociedade existe aquele aspecto muito importante que é o aspecto da família e o que continua sendo a célula do MTG é a família. É o único movimento, o único segmento da sociedade onde hoje você pode conviver dentro de um mesmo ambiente com até quatro gerações. Você vai muitas vezes numa festa de CTG e está o bisavô, o avô, o pai e o neto. Você vai num rodeio que é uma disputa e eu pergunto? Qual é o esporte que agrega às vezes três gerações. Nós estamos cansados de ver aqui o avô, o filho e o neto laçando no mesmo trio. Então para a sociedade o MTG tem uma importância inestimável, porque eu vejo na sociedade a família. Sociedade sem família não existe para mim. Se ela não tiver o nascedouro dela como célula principal, a família tende a se deteriorar, amanhã ou depois. Não há dúvida. Então a maior contribuição do MTG para a sociedade é a manutenção da família. Para a juventude, ela vem de dentro da família, automaticamente recebe o mesmo benefício. Quem convive com jovens, com o rapaz que laça em rodeio, que vive dentro do rodeio, com o cavalo, etc, etc, etc, sabe o quanto esses jovens, esses rapazes são bem mais tratáveis, pessoas extremamente educadas, mas claro que não vamos tratar as exceções como regras. São pessoas que ainda tem aquela “finesse” do cavalheirismo, eles levantam e apertam a mão, não tem vergonha de cumprimentar as pessoas, de tirar o chapéu para dizer “bom dia”, “boa tarde”. Se eles estão sentados numa barraca em um acampamento e chegar outra pessoa, se levanta e se oferece a cadeira, “tenha bondade, sente”. Te pergunto: Em qual é o outro segmento da sociedade que o jovem faz isso? Na boate? No clube? Na piscina? No motocross? Onde? Lugar nenhum. Nós não vamos ser hipócritas em dizer que o MTG não tem droga, não tem sexo. Isso faz parte do nosso mundo global, e o tratamento a esse tipo de coisa é bem diferenciado, o número é quase insignificante. É tão raro que causa comentário quando aparece alguém. O menino que passa envolvido com cavalo é uma pessoa mais dócil, mais tratável. O jovem que vive e convive dentro do CTG é um jovem interessante.

Pergunta: No mundo acadêmico, inúmeras críticas são construídas em torno do MTG. Muitas obras dizem que o MTG é uma farsa, uma invenção medíocre, porque eles estão se baseando nos fatos históricos. Como você vê a construção negativa do tradicionalismo?

Resposta: Eu duvido que algum acadêmico, algum doutor e sociologia, etc, que ele tenha vivido dentro do MTG. É a mesma coisa que eu criticar o Partido Comunista se eu nunca estudei. Posso não concordar, agora dizer que não pode existir e que é uma farsa, não digo. É uma realidade que estava aí e agora tem os seus segmentos. A crítica ao MTG parte de quem não conhece o movimento intrinsecamente, quem vê a coisa de forma superficial. Te

garanto, sem menor sombra de dúvida que todas as críticas ao MTG partem das extremas esquerdas. Se tu pegares todos os escritores e críticos radicais, eles não são esquerdistas, eles são extremistas, que é diferente. Os esquerdistas são pessoas inteligentes com uma filosofia belíssima e o extremismo em qualquer ponta é radical e burro. Dentro das universidades o MTG está tão arraizado que Santa Maria tem o Noel Guarany, dentro da Universidade, filiado ao MTG. Essa minoria que critica é barulhenta. O próprio MTG não se defende com a mesma gana com que é acusado, e nem tem porque. Por eu estar colocando essas coisas não quer dizer que eu seja um defensor do MTG como ele é, como se não tivesse defeitos. Ele tem ene defeitos. Eu inclusive sou contestado dentro do movimento pelas minhas colocações, por pessoas que não gostam de mim e que tentam muitas vezes me prejudicar, porque não concordo com certas coisas. Não sou um tradicionalista juramentado de carteirinha. Eu sou um gaúcho.

Pergunta: Quais os problemas que você enfrentou ou enfrenta para vivenciar o tradicionalismo?

Resposta: Não, aliás, pelo contrário, sempre na minha profissão, dentro da secretaria da agricultura, na própria coordenadoria em outros lugares, outras pessoas me vêem mais como poeta e tradicionalista e me respeitam mais, até porque isso diferencia um pouco. Eu encontro dificuldade dentro do próprio MTG, mas fora dele não.

Pergunta: Fale da sua inspiração no momento em que você compõe uma música. De onde ela vem?

Resposta: No momento que te vem algo para escrever, a tua inspiração é divina, é um dom que alguns tem e eu tenho a felicidade de ter. Você está num determinado momento e pinta a idéia de escrever. Acredito que ela é uma coisa espiritualizada, então acredito que os momentos mais difíceis é em que a gente está mais sensível, são os melhores momentos para se compor. Mensagem: Se nós formos falar de tradicionalismo, sem dúvida nenhuma, ainda bem que existe esse movimento, porque queiramos ou não ele hoje é o maior movimento cultural da América Latina organizado. Se ele tem toda essa força e se existe tantas e tantas famílias integrando esse movimento. É inegável que o MTG hoje é um gerador de recursos. Se nós formos olhar o lado econômico, onde tem os CTGs, onde tem eventos o CTG está promovendo turismo. Hoje o turismo no Rio Grande do Sul é riquíssimo em função do MTG. Hoje gera uma grande fonte de emprego, principalmente na área campeira, tratadores de cavalo, proprietários de gado, equipes de sonorização, narradores de rodeio. No aspecto cultural e artístico, quantos gaiteiros, guitarreiros, cantores, posteiros que ensaiam grupos de dança que estão vivendo em função do movimento. Nós temos que fortalecer o movimento porque ele é também e principalmente um movimento que ele tem uma força sócio-econômica muito grande. Talvez eu diria hoje, em termos de movimento, em termos de atividades administrativas eminentemente culturais é o MTG por tudo que gera em termos de trabalho e em termos de integração das famílias, das pessoas que ainda se visitam hoje, muito mais em função do convívio dentro do CTG, dos filhos que estão no mesmo grupo de dança, ou de nós laçarmos no mesmo CTG e acabam as famílias se unindo por causa do MTG. Então, pela não desintegração da família gaúcha e brasileira eu sou defensor do MTG. Contesto algumas coisas, contesto. Contesto a política, contesto a minha profissão de veterinário, contesto o prefeito muitas vezes, mesmo sendo meu amigo. Seu contesto porque eu penso. Só isso.

Entrevista realizada dia 19 de julho de 2008 com o Sr. Cláudio Zappe. Radialista que iniciou sua carreira na Rádio Guarathan em 1960 em Santa Maria/RS. Passou pela rádio Imembuí, depois em 1972 retorna à Rádio Guarathan para ser o seu diretor presidente. Depois de nove anos de luta, Cláudio Zappe conquistou o direito de ter uma concessão de FM e em 1989 nascia a Rádio Guarathan FM, que foi segmentada em música nativista. Em 1994, Cláudio Zappe passa a ser o exclusivo dono da Guarathan FM e modifica o seu nome para Nativa FM. Atualmente, Cláudio Zappe além da Rádio Nativa FM é também sócio proprietário da Rádio Imembuí.

Pergunta: Economicamente compensa essa opção pela linha nativista? Estabeleça uma comparação com outras rádios de Santa Maria/RS.

Resposta: Muito bem, eu penso que uma emissora de rádio hoje, pela profusão dos meios de comunicação que temos, nós temos mais de 80 canais de televisão a nossa disposição e emissoras de rádio que no tempo antigo era uma que outra, hoje, por exemplo, Santa Maria tem mais de 12 emissoras de rádio. Então, a opção de uma emissora tem que ter, e não é só o caso da Nativa, ela tem que ter uma cara. Se ela tiver várias caras, ao longo do dia, ela está igual ao tempo antigo que como não tinha emissoras de rádio, a gente tinha que ter várias caras. Tinha que ter a notícia, ter as músicas que as crianças gostavam, etc, etc... Hoje não, hoje pela profusão de veículos de comunicação a emissora de rádio tem que ter um cara, então, desde que a Nativa foi criada em 27 de abril de 1989, ela teve esta cara que foi pensada para ter essa fisionomia. Com relação, se essa fisionomia nos traz resultado no comparativo com outras emissoras, eu digo sim. Em termos então de faturamento, a Nativa é a emissora de Santa Maria que tem o maior faturamento. Isso nós temos dados para comprovar, em termos de audiência. Imagina você chegar, por exemplo, em Caçapava ou São Gabriel, lá você tem emissoras de rádio FM de tudo que é parte que chegam lá em diversos tipos de programação. Uma é só para jovens, a outra é só povão, mas música nativa quem quiser ouvir e com a qualificação que ela tem é só a Nativa. Então, nós temos ouvintes em profusão nesses municípios todos, porque ela tem um rosto, e um rosto que todos nós amamos de cuida-lo. Ela realmente nos dá tudo aquilo que a gente imagina, tanto em termos de audiência, quanto em termos de resultado financeiro.

Pergunta: Em sua opinião, quais são as melhores realizações que o nativismo fez e tem feito pela sociedade gaúcha.

Resposta: Se você chegar em qualquer estado do Brasil e tu conseguir medir a identificação dos usos e costumes desses Estados, você vai chegar a conclusão que desparadamente o Rio Grande do Sul é que realmente conseguiu através do Nativismo, desse amor a nossa história, as nossas raízes, o Rio Grande do Sul conseguiu ser diferente de todos os demais. Tem gente que gosta da música sertaneja, etc, mas ela não tem essa história que nós temos, até de ter formado uma nação. Então, o Rio Grande do Sul conseguiu inserir no contexto dos nossos filhos e as gerações que vão passando, ele conseguiu transmitir uma garra tão grande de intrepidez, de vontade, de ir a frente, que hoje inclusive fica esse canto esquerdo do território brasileiro. Ele é praticamente povoado para o progresso dos gaúchos que lá já tinha muita gente morando, mas era gente que ficava num estágio, só que aí os gaúchos foram para lá com essa intrepidez que veio da nossa revolução farroupilha e fizeram essas cidades todas prosperarem. Esses Estados aqui do canto esquerdo do território brasileiro estão todos eles ligados ao nosso Estado através de ver os programas de televisão daqui, de receber artistas daqui e de ouvir as emissoras de rádio daqui, então, isso é feito através desse movimento, no meu entendimento.

Pergunta: Em sua opinião, para onde caminha o movimento nativista, qual a sua perspectiva de futuro?

Resposta: O movimento nativista, acho que ele está no terceiro estágio. Primeiro foi o ingresso de uma quantidade grande de festivais que marcaram fortemente a todos nós, não só aqueles que gostam, mas ao povo em geral, através da Califórnia que começou trazendo uma importância extraordinária. Todo mundo queria acompanhar a Califórnia e através dela veio um monte de festivais qualificados que se espalharam por todo o Estado. Após, veio a segunda fase onde aquietou-se um pouco esse movimento. Alguns não deram muito certo, alguns pararam, outros continuaram e hoje nós estamos numa fase forte dos festivais. Acho que foram três momentos. Hoje essa fase é tão forte que nós vamos nos deter agora. Um festival de alto quilate, ao meu ver, que foi o Candeeiro da Canção Nativa que voltou em Restinga Seca, e eu acompanhei as letras e os artistas. Acho que foi um festival muito qualificado, que surpreendeu-nos também dentro dessa mesma qualificação foi a 1ª Convenção Nativista que foi feita em Julio de Castilhos, agora a poucos dias. Foi também um festival de alta qualificação, aonde saiu a música A Romaria, que foi a vencedora e que se refere a nossa Romaria, mas com um letra nativa belíssima. E, a cidade de Mata também que é pequenina e fez festival a poucos dias, então eu acho que nós voltamos para uma nova fase forte dos festivais. Mas, a meu ver, esse movimento tem que ser incentivado muito mais, principalmente pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, porque não tem nenhuma publicidade que seja tão forte, tão forte de amor ao Rio Grande como os festivais. Então eu acho que o governo do Estado, a Assembléia Legislativa Gaúcha teriam que criar um formato independente desse eu já existe e é essa lei onde os coordenadores vão até a Assembléia, até ao governo e conseguem fazer com que as empresas ao invés de pagarem um determinado valor de imposto, elas podem então colocar aquele valor nos festivais. Mas só que eu acho que esse movimento é tão grande, tão grande, tão importante para o Estado que eu acho que todo festival teria que encontrar uma fórmula a partir do seu 3º ou 5º ano de existência, ele automaticamente teria que ter uma verba destinada para incentivar ainda mais, a exemplo, como faz a federação gaúcha de futebol. Os times que ingressam na série “A” do campeonato gaúcho recebem automaticamente uma verba, por sinal polpuda, para disputar o campeonato gaúcho, e, neste caso é para divulgar o nosso Rio Grande ainda mais, porque o Rio Grande é diferente, então os festivais tem que ser incentivados e esse movimento tem que continuar, porque ele está sendo um verdadeiro alicerce para a defesa do nosso belíssimo Rio Grande do Sul.

Pergunta: Pessoalmente, como o movimento nativista entrou em sua vida e quais as suas melhores e piores impressões ao longo desse tempo?

Resposta: Na verdade, nunca fui uma pessoa fanática pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Eu gostava e gosto, mas não me considero uma pessoa fanática. Eu me introduzi nele através da Radio Nativa, porque surgiu a primeira rádio só de música nativa no Rio Grande do Sul, que foi a Rádio Liberdade FM de Porto Alegre. A Rádio Liberdade, ao contrário então de outras rádios que tocavam música gaúcha, como toda rádio toca, a Liberdade FM tocava músicas nativas, cujas letras belíssimas me impressionaram. Olha, isso tem conteúdo, isso não é modismo, isso não é uma coisa comum, é uma coisa qualificada. Bom, como aqui em Santa Maria, nós já tínhamos emissoras FM no ar, com as suas caras e as outras que iam surgir na época da nativa, nós tínhamos então que estudar um segmento para nós. A Nativa. E espelhamos na primeira que entrou no Estado, a Liberdade, inspirados na qualificação dessas letras e das músicas. Acharmos que essa rádio poderia ter em Santa Maria e na nossa região e nós não queríamos ter uma rádio que fosse um modismo como, eu cito mesmo aqui em Santa Maria, sem uma crítica destrutiva não, mas nós já tivemos canais em Santa Maria que trocaram três, quatro vezes toda a sua programação, porque não se conseguiu ter uma cara que

fosse sempre a mesma. E esta eu achei que seria sempre a mesma, porque ela estaria dentro de um movimento que existe e continuará existindo, por isso, definimos essa linha de programação.

Pergunta: Como diretor de uma emissora de rádio, em que toca exclusivamente música gaúcha, você acha que a música gaúcha é um dos grandes fatores que contribui diariamente para a preservação, para a manutenção do movimento tradicionalista gaúcho?

Resposta: Sem a menor dúvida que sim, porque é através desses cantos, dessas letras maravilhosas que a gente fala sobre as belezas do Rio Grande, sobre a história que foi feita nesse Estado e então essas músicas, essas letras, elas realmente contribuem fortemente para nós mantermos acesa essa chama do nosso tradicionalismo, tanto que a cada ano no dia 20 de setembro, não está se vendo uma queda de pessoas indo aos desfiles. Ao contrário, aqui em Santa Maria que é uma cidade cultura, aqui cresce, lota a Av. Medianeira a cada ano, porque hoje a grande maioria das pessoas gosta e sabe da importância do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Pergunta: Dentro das universidades há uma resistência ao tradicionalismo e sua filosofia. Mas, para você, qual é a importância e a contribuição do tradicionalismo gaúcho para a sociedade e principalmente para a juventude?

Resposta: Eu diria que não existe uma certa aversão dentro das universidades. É que o jovem está muito propenso às coisas novas, que estão chegando, por isso mesmo que ele é jovem, então não é que exista uma aversão, de repente o jovem está envolvido com músicas de sua época, naquela faixa de seus 15 até 23 anos, mas quando ele tem a oportunidade de ver alguma coisa do Nativismo, das músicas gaúchas e da nossa tradição, você vê que aquilo ali ele passa a gostar e aí ele fica com aquilo dentro dele. E essas outras, elas passam dentro das suas idades, mas essas ficam e eu tenho observado muito que mesmo dentro das universidades, porque os estudantes são inteligentes, então eu vejo alguns cursos, não vou dizer todos, mas alguns cursos da universidade, e até digo da UFSM, nós temos uma quantidade já muito grande de ouvintes, tanto que em programação de evento que eles fazem, muitos deles vem solicitar o apoio da Nativa. Então já há um percentual bastante grande de estudantes que hoje já gostam muito, por exemplo, do Luiz Marengo, gostam muito de um canto mais popular, mas ao mesmo tempo inteligente, o que tem de gente da universidade que gosta do Mano Lima, pra não falar em Délcio Tavares, etc, etc. Enfim, o estudante a partir de uma determinada idade, não se ali pelos seus 18, 20, 22 anos, quando ele tem a chance de escutar aquilo que ele pensava de uma maneira e não é, porque nós temos que identificar duas situações: a música gaúcha, aquela popular, aquela comum, que nós não estamos depreciando, mas é um tipo. E quando ele escuta a música nativa que é com letras, com cantores de um outro nível, repito, sem tirar a imagem das populares que tem que ter gosto para todo mundo e quando o pessoal ouve, se alguém da universidade nunca ouviu uma música, e eu já fiz esse teste. Se ele escutar um “Mate de esperança”, “Ainda existe um lugar”, eles ficam encantados, porque não conheciam, então no momento que eles passam a conhecer, eles ficam gostando e acham que realmente tem fundamento. Na verdade não chega a ter aversão não, está existindo um crescimento dentro das universidades e uma rádio como a Nativa, tenho certeza que está contribuindo para enriquecer esse nosso movimento Tradicionalista Gaúcho que há de crescer cada vez mais. Traçando um paralelo oposto, bem oposto, é que nem nós perguntarmos assim para mil pessoas, de cada mil, talvez uma que conheça a Nana Mouskouri. A cada mil, novecentos e noventa e nove dirá que nunca ouviu falar. Então, no momento que a gente conhece as coisas, e isso é através do aprendizado, das oportunidades, da cultura, a coisa muda, mas na música nativa a gente sente dentro das universidades que cresceu extraordinariamente. Está crescendo.

Pergunta: A Rádio Nativa FM foi inaugurada em 1989. Porque optaram em tocar apenas música gaúcha e nativista?

Resposta: Na época e detalhando melhor agora, na época nós tínhamos duas emissoras de rádio no ar, FM. As AM já existiam. Nós tínhamos a rádio Atlântida que era definida e é até hoje, com música jovem. A Atlântida é só música jovem e nós tínhamos a rádio cultura FM, que eram com músicas de alto gabarito. Ela era um pouco parecida e um pouco mais aberta que a Guaíba FM, então nós tínhamos esses dois segmentos de Santa Maria. A Cultura depois passou por uma fase em que ela saiu desse segmento, passou a ser Antena 1, depois colocou a Gaúcha em rede, depois ela retornou para Antena 1. Passou por essas fases todas e então na ocasião nós tínhamos aqueles dois tipos de rádio e aí o governo concedeu mais quatro canais. Um foi para a rádio 105, que ela tentou digamos assim, seguir o segmento da Atlântida, tocou programação jovem. Surgiu na época também a rádio pampa, que foi uma rádio que buscou mais as mulheres de 30 anos para cima, com músicas de Roberto Carlos, coisas assim. Ela buscou esse segmento, hoje ela é da Igreja Universal, mas não tem mais. Nós tivemos também na época a 105, que foi a Pampa, foi a Medianeira FM e que ela se destinou a tocar músicas populares e nós tínhamos que encontrar um segmento, e nós achamos que esse segmento não seria de momento, nós queríamos uma coisa que permanecesse pra não haver o troca-troca que houve muito em emissoras de rádio. Então optamos por esse segmento que ele se vá campo a fora, por isso que a gente escolheu esse segmento.

Pergunta: A Rádio Nativa FM está sempre presente nos festivais de música nativista por toda a região. Está presente nos eventos, tanto dentro dos CTGs quanto nas Cavalgadas. No que se refere aos festivais e as cavalgadas, você vê como um enriquecimento, uma contribuição ao movimento tradicionalista gaúcho?

Resposta: Claro que a Nativa inserida nesse contexto, sem a menor dúvida que ela contribui e agora ela contribui tanto e o movimento contribuiu tanto que hoje não são só os integrantes do movimento que participam, mas hoje é o povo que participa. Você faz um festival, enche de pessoas, uma boa parte que já conhecia e já gostava e vai muita gente que ainda não conhecia e jovens que também começam a se inserir. Mas há um ponto muito forte dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho que ele ensina desde pequeno os jovens a dançar, a gostar e aí o jovem se espelha no pai. Mas o pai usa bombacha, também vou usar. E depois o pai vai embora desse mundo, mas o filho já aprendeu a botar a bombacha. Já quer usar sua bota, então o Movimento Tradicionalista Gaúcho tem esse detalhe, ele vai passando de pai para filho e ele cresceu e vai continuar crescendo, tenho a certeza, porque cada vez mais partes da população estão inseridas nesse amor ao Rio Grande. Foi criado, sei, tem gente que pode contestar, mais ele foi criado pela força do gaúcho que conseguiu fazer com que o Rio Grande do Sul fosse uma nação, e não foi durante um ano. Foram dez anos e nós conseguimos nos emancipar e sermos uma nação, mas daí com tantos, e tantos, e tantos combates e perdas de pessoas, etc, etc, etc, chegou-se a um denominador comum, porque o Brasil também é maravilhoso. Que bom que os temos aqui esse esteio, aqui embaixo do Brasil para defender esse país extraordinário, só que o Rio Grande, o gaúcho não se entrega e por isso, ele conseguiu fazer essa nação durante aquele período e passou para todos nós esta coragem, esta força que o gaúcho tem. Então, gaúcho sim. Brasileiro, claro, também, mas o gaúcho é diferente dos outros estados por causa do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Mensagem: Eu diria que como esse trabalho é feito dentro de universidades, eu volto a afirmar que a gente está percebendo que as universidades, os estudantes estão cada vez mais se inserindo nesse contexto, devagarinho eles estão ampliando o seu gosto pelo nosso Rio Grande do Sul, pelos nossos usos e costumes e espero que esse teu trabalho possa contribuir

para que dentro das próprias universidades praticamente com em todas as partes. Esse movimento é de todos os gaúchos, então acho que esse teu trabalho tem essa extrema importância de mostrar o valor do Movimento Tradicionalista Gaúcho e ampliar cada vez mais esse amor a terra. Volto a reafirmar que o Rio Grande é diferente.

Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2008 pela internet com o Sr. Vinícius Brum, compositor, violonista, intérprete, fundador do consagrado grupo musical TAMBO DO BANDO, responsável pela renovação da música regional gaúcha ao final dos anos 80.

Um dos mais premiados compositores gaúchos, tem em sua galeria de troféus vitórias nos maiores e mais importantes festivais do Rio Grande do Sul. Reconhecido autor de milongas, ritmo musical largamente apreciado ao sul da América Latina, de origem andaluz, popular no subúrbio de Montevidéu e Buenos Aires nos fins do século XIX, que veio a ser absorvido pela atual musicalidade gaúcha.

Tem parcerias com figuras exponenciais do cenário musical riograndense. Entre eles: Sérgio Metz, Luiz Carlos Borges, Beto Bollo, Apparício Silva Rillo, Antônio Augusto Ferreira, entre outros. Possui dois discos gravados com o grupo Tambo do Bando: “Ingênuos Malditos” (1990) e “Tambo do Bando” (1992). Estas duas obras discográficas foram relançadas em CD pela gravadora RGE.

Seu primeiro disco individual foi lançado pela gravadora ATRAÇÃO em 1997, sob o título “MILONGA-ME”, conta com as expressivas participações de Geraldo Flach, Luiz Carlos Borges, Alegre Corrêa, Fernando do Ó, entre outros consagrados músicos do cenário gaúcho. “Milonga-me” reúne os maiores sucessos de sua trajetória na música popular e nativista do Rio Grande do Sul. Entre suas inúmeras conquistas e destaques temos: Sinuelo Da Canção Nativa (São Sepé/RS), Seara da Canção Nativa (Carazinho/RS), Musicanto Sul – Americano (Santa Rosa/RS), Candeeiro da Canção Nativa (Restinga Seca/RS), Eco dos Festivais (Tramandaí/RS), Coxilha Nativista (Cruz Alta/RS), Grito do Nativismo (Jaguari/RS), Canto do Vacacaí (Passo das Tunas – Restinga Seca/RS), Califórnia da Canção Nativa (Uruguaiana/RS) - nesta edição foi considerado o melhor intérprete do festival conquistando o troféu Cesar Passarinho, Coxilha Negra (Butiá/RS), Festival da Barranca (São Borja/RS), Tertúlia Nativista (Santa Maria/RS), Moenda da Canção (Santo Antonio da Patrulha/RS), Finalista da FAMPOP (Avaré/SP), Troféu destaque da década de 80 com a música UM MATE POR TI junto com Apparício Silva Rillo e Beto Bollo, Destaque Prêmio Açorianos (Porto Alegre/RS), Troféu Vitória – melhor letrista (Porto Alegre/RS).

Em 1998 interpretou, ao lado de Chico Saratt, a canção O MEDO, considerada a melhor do ano pelo júri do Troféu Vitória. Em dezembro de 1999 apresentou-se na cidade de São Paulo, no teatro Denoy de Oliveira, dentro do projeto CANTARENA, promovido pela UMES (União Municipal dos Estudantes Secundários) paulista. Sua participação está registrada em CD no quinto volume da coleção UMES CANTARENA. No ano 2000 lançou o CD Festivais com um breve resumo de sua trajetória nos festivais gaúchos. Em 2001 lançou o Cd ALMA REGIONAL, onde interpreta clássicos da música gaúcha com Piaquito Carreteiro, João Campeiro, Rancho da Estrada, entre outros. Também em 2001, montou em parceria com Luiz Carlos Borges o espetáculo PALCO DO RIO GRANDE, que consiste uma visita à música do grupo OS GAUDÉRIOS e do CONJUNTO FARROUPILHA, passando pela obra de autores como Barbosa Lessa e Paulo Ruschell.

Vinícius Brum é considerado atualmente um dos mais talentosos compositores gaúchos. É natural de Bento Gonçalves/RS, mas criado em Formigueiro/RS, residindo em Porto Alegre desde 1983. Recebeu indicação ao Prêmio Açorianos de Música – edição 1999 – na categoria regional como melhor compositor. Desde 2003 atuou na Direção Técnica da Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. A partir de outubro de 2006 passa a responder pela Coordenação de Tradição e Folclore da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. É mestrando em Letras no UNIRITTER, curso no qual prepara dissertação sobre *A canção regional no processo de construção identitária do gaúcho.*

Pergunta: Fale um pouco da renovação da música regional gaúcha dos anos 80, o nativismo. E diferencie-o do tradicionalismo.

Resposta: É justamente nos anos 80 que se consolida no segmento universitário o gosto pela então chamada música nativista. Tal denominação surge como uma contraposição à dita música regionalista de estrondoso sucesso popular, principalmente através de nomes como Teixeira e Gildo de Freitas. A Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana pode ser considerada como a matriz divulgadora dessa nova ordem. Os jovens começam a se interessar pelos temas culturais do meio rural gaúcho e os artistas (também jovens) por aí enveredam suas criações tentando o encontro com uma estética identificável como sul-rio-grandense. Não se pode falar da dicotomia entre nativismo e tradicionalismo, sem lembrar Barbosa Lessa. Para o autor de Negrinho do Pastoreio e iniciador do Movimento Tradicionalista há um outro termo que se impõe nesta discussão: regionalismo. Sendo assim, e apenas para um mero enfoque didático, nativismo é um sentimento natural de pertencimento a uma determinada cultura; regionalismo trata-se de uma manifestação artística que tenha como objeto de reflexão essa mesma cultura; e tradicionalismo é um movimento associativo que, através de normas próprias, busca cultivar os elementos construtores da história e do *modus vivendi* dessa mesma cultura.

Pergunta: Há algumas obras bibliográficas que desmontam e desconstruem o significado do MTG e tudo que ele representa em sua forma de construção da cultura gaúcha, como o mito e a valorização dos “heróis”, reflexo da Revolução Farroupilha. Com isso, ao desconstruir o mito, o MTG perderia o sentido, segundo a crítica. O que você pensa com relação a essa crítica construída?

Resposta: (Como o tema é muito amplo, faço um recorte e trato apenas da construção de uma identidade e a canção regional. (fragmento retirado da introdução da minha dissertação de Mestrado sobre “A canção regional no processo de construção identitária do gaúcho.”)

O nó da discussão parece-me estar na aparente incongruência de se cogitar a verificação de um processo de construção de identidade dentro de uma realidade mundial que tende à dissolução das identidades. Sendo possível constatar que a natureza nacional (e por abrangência, necessariamente, a regional também) das culturas cada vez mais está sujeita a interpenetrações e a influências que trafegam em múltiplas direções e sentidos, será que se pode ainda falar em identidade em construto num universo de localização tão delimitada quanto o do regionalismo gaúcho?

Naturalmente a resposta a tal indagação, parece estar condicionada a um conteúdo que pode relativizar determinadas posições. Ainda que se possa constatar processos concretos de esboroamento de uma identidade fixa qualquer, também são de observação possível alguns movimentos que tendem à fixação de determinadas manifestações culturais. O paradoxo entre construção e dissolução das identidades é sistematizado por Stuart Hall¹ em três tópicos que se pode reproduzir:

as identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”;

as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização;

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11ªed. p. 69.

as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar.

No dizer de Hall (citando Benedict Anderson), a identidade nacional (parece-me possível da mesma forma considerar a regional) é uma “comunidade imaginada”.

Esta noção de comunidade imaginada parece encontrar ressonância no corpo das canções sobre as quais adiante nos deteremos. Pode-se constatar a existência de um cenário musical e verbal que remete para um coletivo que se distingue e que parece demonstrar tendências de afirmação cultural em suas manifestações.

Ao cogitarmos uma construção de identidade, surge inevitavelmente essa relação: o homem inserido, e que talvez busque se reconhecer, dentro deste cancionário, que quantidade há nele de características ficcionais e de fenômenos de correspondência histórica. Pode algo estar envolvido a um só tempo em ambos os mantos? Pesavento² afirma

a presentificação do passado não nos remete apenas para o fato evocado, mas navega no tempo e no espaço, interconectando palavras e imagens, correlacionando sentidos.

(podemos dizer também interconectando sons, uma vez que se possa considerar que universos verbais, pictóricos/imagéticos e sonoros estão envolvidos na produção da canção) Através das canções vai sendo composta uma narrativa que tende a ampliá-las e a uni-las numa só corrente de construção de sentido. Pode-se ouvir a voz dos cantores (distinta da voz subliminar do autor) e se pode igualmente recortar as vozes co-habitantes dos mundos verbais e sonoros que compõem o espectro das tessituras humanas envolvidas nas experiências vividas ou lembradas. Podemos, pois, de alguma forma indagar se tal construção de identidade, uma vez evidenciada, configura-se veraz e verossímil, considerando assim, por aproximação ou distanciamento, o gaúcho inventado e sua correspondência histórica real. É fundamental, contudo, que se saliente uma evidência contundente

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [between]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da “floresta de signos” (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (“reliquias secularizadas”, como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja

²Sandra Jatahy Pesavento, « Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index1499.html>.

*mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos...*³

Pergunta: Fale sobre o Acampamento Farroupilha.

Resposta: Escrevi este pequeno texto para o jornal do Acampamento Farroupilha 2007.

UM ESPELHO QUE REFLETE A ALMA

I'm looking for the face I had
Before the world was made.
William Butler Yeats

Em Biografia de Tadeu Isidoro Cruz, o argentino Jorge Luis Borges vale-se do fragmento do poema em epígrafe para relatar o périplo existencial do lendário Sargento Cruz que, ao deparar-se com a figura do *gaúcho* Martin Fierro, abandona a milícia para pelear ao lado daquele que era seu dever, por ofício, combater e aprisionar. Cruz encontra seu igual. Sua identidade perdida. Seu inexorável destino.

Uma tradução um tanto livre do excerto do poeta irlandês poderia ser: eu estou olhando para a face que eu tinha antes do mundo ser feito. Tal fisionomia primordial é o que Cruz encontra em Fierro. Não será esta a interminável busca humana?

Ao chegarmos a mais um setembro que promete luminosidade, a gauchada mais uma vez faz surgir do solo generoso do Parque da Harmonia em Porto Alegre um acampamento feito de madeira e amor a terra. Os galpões vão sendo erguidos e o tempo parece acomodar todas as eras num mesmo átimo. A paisagem rural que parecia perdida para sempre nos longínquos séculos que se foram, maravilhosamente ressurgiu bem no centro ensandecido da metrópole. Estão de volta os pingos, os bolichos, os fornos de barro, as longas charlas ao pé do fogão. E botas, bombachas, chapéus e ponchos que são casas. As prendas de flor no cabelo e sedas no olhar desfilam seu encanto que parece inspirar a primavera. A peonada se reconhece em cumprimentos largos e retemperam os sentimentos que a saudade embalou durante o ano. O campo está vivo. O interior pulsa na capital.

O Acampamento Farroupilha, que começou de forma espontânea lá pelos idos de 1987 e hoje, além da grandeza física, além do número imenso de visitantes que recebe, muito além de tudo que possa ser dimensionado por réguas e estatísticas, é realmente gigantesco por algo que não se pode ver, mas cuja presença é irretorquível. Magicamente, em meio ao trânsito e às incongruências da cidade, o parque transforma-se num espelho. Um espelho que reflete a alma. A alma de um povo. A alma de cada um. A identidade primordial que nos referencia. Talvez por isso a gauchada ruma para lá incontinente. Todos querem mirar-se naquelas águas. Para finalizar, já que invoquei um poeta irlandês pela mão de um argentino, recorro então ao missioneiro Jayme Caetano Braun, mestre nas artes do verso: *O mundo terá mais luz, mais amor, menos desterro, quando cada Martin Fierro encontre um Sargento Cruz.*

O espelho aí está a oferecer-se. Miremo-nos. Nossa alma quer nos ver.

³ CHAMBERS, Iain. *Border Dialogues: Journeys in Post-Modernity*. London: Routledge, 1990. p.104. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003. p. 27.